



*UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA*  
*“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”*  
*INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS E CIÊNCIAS EXATAS*

**O PROCESSO DE DESINDUSTRIIZAÇÃO DA INDÚSTRIA COUREIRO-  
CALÇADISTA DE FRANCA-SP DE 2000 A 2020**

Trabalho de Conclusão de Curso

Curso de Graduação em Geografia

Gabriel Martins de Queiroz

Orientadora: Prof. Dra. Angelita Matos Souza

Rio Claro (SP)

2022

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

Instituto de Geociências e Ciências Exatas

Campus de Rio Claro

GABRIEL MARTINS DE QUEIROZ

**O PROCESSO DE DESINDUSTRIALIZAÇÃO DA INDÚSTRIA COUREIRO-  
CALÇADISTA DE FRANCA-SP DE 2000 A 2020**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Geociências e Ciências Exatas (IGCE) – Câmpus de Rio Claro, da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, para obtenção do grau de Bacharelado e Licenciatura em Geografia.

Rio Claro (SP)

2022

Q3p

Queiroz, Gabriel Martins de

O processo de desindustrialização da indústria coureiro-calçadista de Franca - SP de 2000 a 2020 / Gabriel Martins de Queiroz. -- Rio Claro, 202260 p. : tabs., fotos, mapas

Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado e licenciatura - Geografia) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Rio Claro

Orientadora: Angelita Matos Souza

1. Desindustrialização. 2. Cidades médias. 3. Complexo coureiro-calçadista de Franca-SP. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp.  
Biblioteca do Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Rio Claro.

Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

GABRIEL MARTINS DE QUEIROZ

**O PROCESSO DE DESINDUSTRIALIZAÇÃO DA INDÚSTRIA COUREIRO-  
CALÇADISTA DE FRANCA-SP DE 2000 A 2020**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Geociências e Ciências Exatas (IGCE) – Câmpus de Rio Claro, da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, para obtenção do grau de Bacharelado e Licenciatura em Geografia.

**Orientadora: Profa. Dra. Angelita Matos Souza**

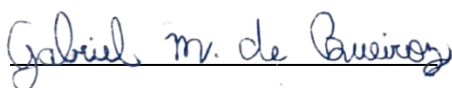
**Membros componentes da banca examinadora:**

**Orientador:** Profa. Dra. Angelita Matos Souza

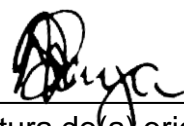
**Membro Titular:** Fabrício Gallo

**Membro Titular:** Samuel Frederico

Rio Claro (SP), 7 de janeiro de 2022.



Assinatura do(a) aluno(a)



Assinatura do(a) orientador(a)

## AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar gostaria de agradecer às minhas duas grandes inspirações na vida, a minha mãe, Elaine, e ao meu pai, Alexandre, que sempre batalharam para me proporcionar boas condições de estudar e de entrar em uma universidade pública. É graças a eles que cheguei onde estou hoje, sempre me ensinaram o caminho do estudo, da ciência e me apoiaram em tudo o que eu quis fazer.

Em segundo lugar, gostaria de agradecer ao meu irmão, Salomão, por ser um irmão incrível que possuo imensa admiração, a minha irmã, Rayana, que sempre foi uma grande inspiração para mim e ao meu cunhado, Du, por todos os ensinamentos e momentos de aprendizagem que passamos juntos.

Agradeço a minha orientadora, a Profa. Dra. Angelita Matos Souza, professora que eu admiro muito e tenho como inspiração. Sempre esteve disponível quando precisei, me apoiando, incentivando e instruindo para que este trabalho fosse realizado.

Agradeço também a minha companheira, Suzana, que me ajuda e me apoia em todas as situações e está sempre ao meu lado.

Gostaria de agradecer também à minha segunda família República Fossa e a todos os integrantes que compartilharam momentos da vida universitária ao meu lado, em especial: Rodinha, Formol, Caldera, Pió, Destro, Saboya, Zero2, Mumufu, Cebolinha, Vazagal, Teteu, Contrato e Vini e os ex-moradores: Email, Binho, Vapo, Sarjeta, Relaxo, Mcnelson, Patolino, Severino, Tambaú, Donato e Zero1.

Agradeço também aos meus amigos da Geografia, com destaque aos integrantes do “G7”, Zeca e Goro e ao Vini “Santa Bárbara”, os quais eu tenho como irmãos e espero levar por toda a vida e as minhas amigas Becca, Grazi, Fer, Lari, Bibio, Larica e Jenni, que sempre estiveram comigo, nos bons e maus momentos.

Por fim, agradeço ao Gabriel Chaves, ao José Odedes da Silva e ao SINDIFRANCA por conceder entrevistas que enriqueceram a presente pesquisa.

**RESUMO:** O presente Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) tem por objetivo investigar a perda de espaço do complexo coureiro-calçadista na economia do município de Franca, localizado no nordeste do estado de São Paulo, em consonância com o processo de desindustrialização da economia brasileira. O município em questão, conhecido como a “Capital Nacional do Calçado Masculino”, possui grande importância regional, sendo a sede da Região Administrativa de Franca, que conta com 23 municípios e mais de 750 mil habitantes. É possível verificar esse processo por meio de alguns indicadores concretos, tais como a queda da participação da Indústria no PIB do município, desemprego no setor industrial, queda nas exportações e mudança nas importações (na quantidade e tipo de insumos importados). A hipótese do presente trabalho é de que esse processo está atrelado a fatores como a concorrência com a China, a política cambial, a guerra fiscal e o fenômeno nacional de desindustrialização. Nosso objetivo será buscar entender como esse processo afetou a vida no lugar, no caso uma cidade média, compreendendo-o como um processo colado ao fenômeno nacional de desindustrialização da economia brasileira.

**Palavras-chave:** Complexo coureiro-calçadista de Franca – SP, desindustrialização, cidades médias.

**ABSTRACT:** The following final paper aims to investigate the loss of space of the leather/shoes complex in the economy of the Franca municipality located in the northeast of São Paulo, in line with the process of deindustrialization of the Brazilian economy. The municipality in question known as "the capital of male shoes" has great regional importance being the headquarters of the administrative region of Franca which is composed of 23 municipalities with over 750 thousand inhabitants. It is possible to verify this process through some concrete indicators, such as the decline of the participation of the industry in the municipality's GDP, unemployment in the industrial sector, the drop in exports and the changes in imports (quantity and type). The hypothesis presented in this paper argues that this process is linked to factors such as the competition with China, the currency exchange policy, the fiscal war and the national phenomenon of deindustrialization. Our goal is to attempt to understand how this process affected life in the locality, a medium sized city, by understanding it as a process connected to the phenomenon of Brazilian deindustrialization.

**Keywords:** leather/shoes complex of Franca - SP, deindustrialization, Medium size cities.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Mapa de localização de Franca – SP .....	9
Figura 2 - Indústria de transformação (% no PIB a preços básicos), Brasil.....	12
Figura 3 - Tropeiros em contato com os índios Caiapós no século XVIII .....	14
Figura 4 - Jornal O Sete d'Abril, 1938 .....	18
Figura 5 - Propaganda Samello em revista .....	24
Figura 6 - Mapa da Região Administrativa de Franca.....	27
Figura 7 - Participação da Indústria no Total do Valor Adicionado (em %) - 2002 - 2017 (Franca - SP).....	29
Figura 8 - Participação do Serviços no Total do Valor Adicionado (Em %) – 2002 – 2017 (Franca – SP).....	30
Figura 9 - Número de empregados na indústria calçadista de Franca – SP (2002 – 2019).....	30
Figura 10 -Participação nas Exportações do estado de São Paulo (Em %) - 2003-2019 .....	41
Figura 11 - Participação dos Empregos Formais dos Serviços no Total de Empregos Formais (Em %) - 1991-2019 .....	42
Figura 12: Participação dos Empregos Formais da Indústria no Total de Empregos Formais (Em %) - 1991-2019 .....	42

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Brasil: exportações segundo fator agregado (1964 a 2011 - %).....	35
--	----

## Sumário

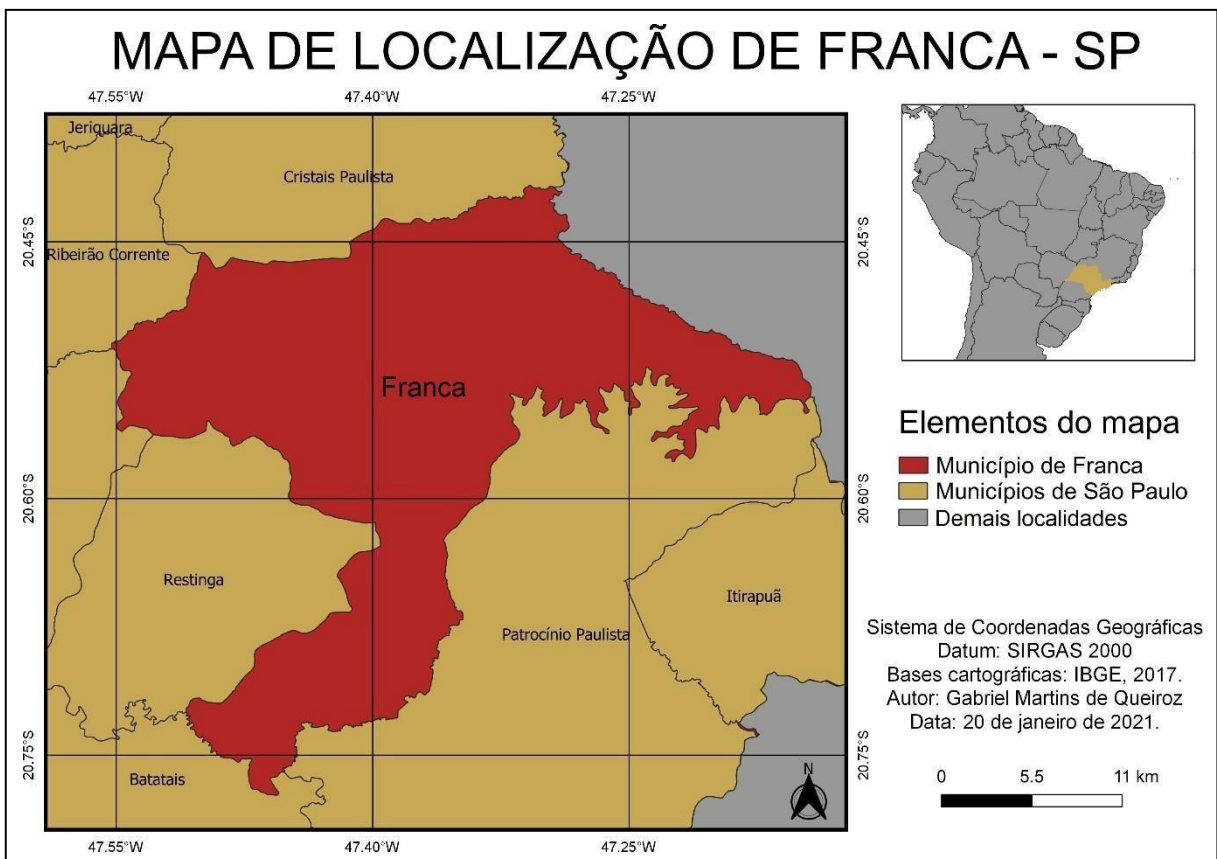
<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	9
<b>2. A HISTÓRIA DE FRANCA</b> .....	14
2.2. A ocupação e o povoamento da região.....	14
2.2. Os primeiros passos da urbanização .....	16
2.3. O surgimento da indústria coureiro-calçadista de Franca.....	21
2.4. A expansão da indústria coureiro-calçadista de Franca .....	22
2.5. Franca como uma cidade média.....	26
<b>3. A DESINDUSTRIALIZAÇÃO DE FRANCA</b> .....	29
3.1. O conceito de desindustrialização, as suas causas e consequências .....	30
3.2. O processo de desindustrialização nacional .....	33
3.3. A desindustrialização da “Capital Nacional do Calçado Masculino” .....	36
<b>4. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	44
<b>5. REFERÊNCIAS</b> .....	47
<b>APÊNDICE A – ENTREVISTAS TRANSCRITAS</b> .....	50
Entrevista 1 .....	50
Entrevista 2 .....	53
Entrevista 3 .....	55
<b>APÊNDICE B – FOTOGRAFIAS REGISTRADAS EM TRABALHO DE CAMPO</b> .....	56

## 1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho busca entender como vem ocorrendo o processo de desindustrialização em Franca - SP, analisando o caso da indústria coureiro-calçadista nas últimas duas décadas. Para tanto, é necessário realizar uma caracterização do objeto de estudo.

A área de estudo, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) para o ano de 2019, conta com 605,679km<sup>2</sup>, com uma população estimada no mesmo ano de 353.187 habitantes e uma densidade demográfica de 583,1 hab./km<sup>2</sup>. Localiza-se a partir das coordenadas geográficas 20° 32' 20" S / 47° 24' 03" O, situando-se em uma região de planalto, atingindo 1.040 metros de altitude, com clima tropical de altitude e temperaturas moderadas o ano todo. A localização do município pode ser observada a seguir na Figura 1:

Figura 1 – Mapa de localização de Franca - SP



Elaborado pelo autor, 2021.

Com o intuito de melhor compreender o objeto de estudo foi realizado um levantamento acerca da história do município, buscando entender quais foram os fatores que possibilitaram a instalação de um dos maiores complexos coureiro-calçadistas do país no lugar, como normas e leis, aspectos geográficos, culturais, econômicos, entre outros. Para isso, foram utilizadas obras que forneceram um arcabouço histórico que possibilitou uma visão mais panorâmica acerca de Franca – SP.

A região foi inicialmente ocupada pelos índios Caiapós, os quais viviam da agricultura de subsistência, pesca e coleta. Com a chegada dos Bandeirantes no século XVII ocorreram diversos conflitos pela região, os Bandeirantes com o uso da força tentaram remover os índios de sua localidade. Por volta de 1826, os Caiapós foram definitivamente expulsos, migrando para a região mais interiorana do Brasil. Logo a região se tornou um importante entreposto comercial na rota para Goiás utilizada pelas expedições bandeirantes e pelos tropeiros (TOSI, 2002).

Os fatores geográficos facilitaram esse processo, uma vez que a região possui um relevo muito variado, sendo ricamente dotada de cursos de água. Os três principais rios que abastecem a região são o Pardo, o Sapucaí e o Grande. Por esse motivo, documentos históricos indicam que a região no passado era chamada de “O sertão do Rio Pardo”. Assim, a disponibilidade de água e a altitude possibilitou assentamentos populacionais dos tropeiros, uma vez que as localidades mais elevadas se consistiam em mais segurança para a instalação de habitações.

Por meio da bibliografia levantada, principalmente em Tosi (2002), é possível afirmar que a história do calçado em Franca é antiga, entre 1872 e 1877 estudos indicam que já havia cerca de 10 sapateiros na cidade, subindo para 24 em 1911. Em sua maioria, esse fenômeno se deve à imigração italiana, o âmbito das oficinas era confundido com o da família, fator presente em diversas empresas do município até os dias atuais.

Em 1913 foi criado o primeiro curtume da cidade dotado de maquinário importado diretamente da Alemanha, consolidando-se como o segundo curtume mecanizado do Estado de São Paulo, o primeiro localizava-se na capital estadual e o segundo em Franca. A prefeitura concedeu, na época, isenção de impostos e taxas por dez anos (TOSI, 2002).

Ao final da década de 1920, Franca era a cidade do interior paulista com o maior número de estabelecimentos produtores de calçados. Em 1969, Franca

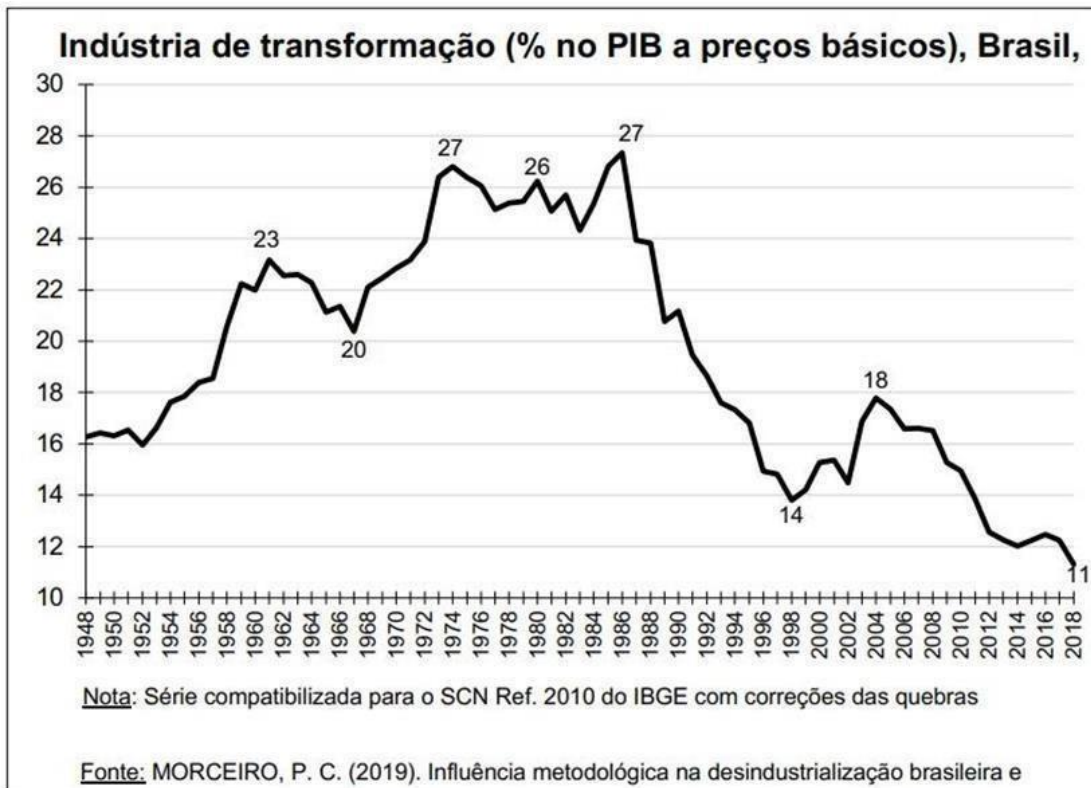
consolidou sua projeção no mapa econômico do país, por meio da criação da Feira de Couro e do Calçado de Franca (FRANCAL), evento de dimensões nacionais que fixou a representação da cidade como a mais importante na fabricação de calçados masculinos. É no final da década de 1960 e início de 1970 que a cidade ficou conhecida como “A Capital Nacional do Calçado Masculino”. O ano de 1993 foi considerado o ápice das exportações, quando o município exportou 15,6 milhões de pares, e faturou mais de U\$ 256 milhões. No total, foram produzidos naquele ano, 31,5 milhões de pares (SINDIFRANCA, s. p.).

Apesar do complexo coureiro-calçadista de Franca possuir fortes raízes e sua origem ser anterior ao século XX, como visto na obra de Tosi (2002), é notório a queda da participação do setor industrial no PIB do município, e ascensão do setor de serviços, evidenciando um processo de desindustrialização, ao que tudo indica, convergente com o que ocorre em nível nacional, como apontado por autores diversos (CANO, 2012; CARNEIRO, 2017; DIEGUES, ROSSI, 2018; MORCEIRO, 2019, OREIRO, 2010).

Isto é, não se pode esquecer que o processo de desindustrialização ocorre em escala nacional e é extremamente prejudicial para economia do país, conforme Cano: “Não há, na história, país algum que se desenvolveu, prescindindo de uma generalizada industrialização e de um forte e ativo papel do Estado Nacional” (2012, p. 832). Para o economista, o fenômeno é evidenciado, principalmente, com a queda da participação do setor industrial no PIB, que vem ocorrendo no Brasil nas últimas décadas, por exemplo, em 1980 a participação da indústria de transformação brasileira no PIB para a América Latina foi de 33%, caindo para 14,6% em 2011.

Ainda segundo Cano (2012), as principais causas desse processo são: 1) A política cambial prevalecente, instaurada a partir do Plano Real; 2) A abertura comercial com a queda das tarifas e demais mecanismos protecionistas da indústria nacional; 3) A taxa de juros elevada; 4) Os investimentos diretos estrangeiros predominantemente de caráter especulativo; 5) A desaceleração do crescimento da economia mundial desde 2007. O texto é de 2012, mas a situação de involução da participação da indústria de transformação no PIB prosseguiu (Figura 2). Para entender melhor e aprofundar conhecimentos nessa temática, foram estudados autores como Wilson Cano (2012), Antônio Carlos Diegues (2018), Ricardo Carneiro (2017) e Oreiro e Feijó (2010).

Figura 2



Reproduzido de MORCEIRO, 2019

O trabalho busca discutir como ocorre esse processo em Franca – SP, visto que o município possui uma forte influência regional, sendo a sede de uma das Regiões Administrativas do Estado de São Paulo e podendo ser caracterizado como uma cidade média. Este conceito de cidades médias de Sposito (2007), como já mencionado, será aplicado ao longo do trabalho, entendido como cidades que desempenham importantes papéis regionais de intermediação entre grandes cidades e cidades pequenas, com forte relação com a área na qual está situada e pela concentração e centralização econômica, de acordo com a realidade regional.

Desta forma, o objetivo principal do trabalho é estudar o processo de desindustrialização em Franca, por meio de um estudo de caso sobre o complexo coureiro-calçadista do município nas duas últimas décadas, no intuito de investigar as causas e consequências da redução da relevância do setor para a economia local. O município se enquadra na categoria de cidade média e, certamente, a indústria de calçados é um elo importante a sua definição como polo regional, como pretendemos argumentar, embora siga como cidade média, a perda de dinamismo em um setor chave é negativa.

Pretendemos expor em quadros, gráficos e tabelas um panorama da evolução da participação do setor da indústria calçadista na economia de Franca desde a segunda metade do século passado, e sua involução recente neste século. Ademais, busca-se investigar e expor as consequências para a vida local da diminuição da participação da indústria de calçados na vida econômica e social do município conhecido como a “Capital Nacional do Calçado Masculino”. Também foram estudadas as alternativas de mudanças como fonte de empregos, como outros setores da economia foram afetados, quais as políticas públicas implementadas para enfrentar a situação.

A metodologia empregada consiste em levantamento bibliográfico, organização dos dados empíricos recolhidos em sites institucionais de entidades públicas e privadas e trabalhos de campo realizados no Sindicato da Indústria de Calçados de Franca (SINDIFRANCA) e na Sola Nova Industrial Ltda., a maior indústria de solados do município. Além disso, foram realizadas reuniões periódicas com a orientadora de maneira remota, assim como colegas do Laboratório de Estudos sobre Desenvolvimento e Geopolítica (LEDGE).

Quanto à organização do trabalho, o próximo capítulo é destinado a história de Franca e busca discutir quais foram os aspectos e fatores que propiciaram tanto o crescimento da cidade que hoje pode ser considerada uma cidade média (SPOSITO, 2007), como os pressupostos que propiciaram o surgimento da forte indústria coureiro-calçadista. Iniciaremos pelos povos originários que ocupavam a região, os índios Caiapós, passando pela ocupação dos Bandeirantes, pela imigração italiana no município, pela instalação dos primeiros maquinários, chegando até o auge da indústria, em 1993, quando o município exportou 15,6 milhões de pares, faturando mais de U\$ 256 milhões (SINDIFRANCA, s. p.).

O capítulo três é destinado a discutir o que é desindustrialização, suas causas e consequências, expor em dados como ocorre a desindustrialização brasileira e debater como esse processo também está em curso na “Capital Nacional do Calçado Masculino”.

Por fim, nas considerações finais, apresentamos alguns apontamentos sobre o trabalho realizado e algumas discussões sobre como a pandemia de COVID-19 influenciou o complexo coureiro-calçadista do município, por meio de dados levantados em pesquisa e de entrevista realizada com Gabriel Chaves, proprietário de três sites de e-commerce de calçados de Franca.

## 2. A HISTÓRIA DE FRANCA

O município de Franca é conhecido como a “Capital Nacional do Calçado Masculino”, uma vez que Franca se desenvolveu com a indústria coureiro-calçadista ao longo dos anos, se tornando o município brasileiro com maior produção e exportação do produto.

No intuito de conhecer melhor a história da cidade e da indústria coureiro-calçadista foi consultada a obra do historiador Pedro Geraldo Tosi (2002), “Capitais no interior: Franca e a história da indústria coureiro-calçadista, 1860-1945”, a qual foi a principal referência para boa parte deste capítulo. Além da obra supracitada, outros trabalhos foram utilizados para complementar o entendimento e a escrita sobre a história pós-1945 de Franca, juntamente com trabalhos de campo realizados no Sindicato da Indústria de Calçados de Franca e na Sola Nova Industrial, atualmente a maior empresa de solados do município.

### 2.2. A ocupação e o povoamento da região

Os primeiros habitantes das terras que hoje são conhecidas como o município de Franca – SP foram os índios Caiapós, um povo tradicional que vivia de agricultura, pesca e coleta e realizavam trabalhos manuais que eram passados de geração em geração (MARTINS, CLEMENTINO NETO e BERTELLI, 2016, p. 45).

Figura 3 - Tropeiros em contato com os índios Caiapós no século XVIII.



Fonte: Foto do artigo da Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Ana Raquel Portugal – Unesp / Franca

Segundo Martins, Clementino Neto e Bertinelli (2016, p. 45), no século XVII houve os primeiros contatos dos índios Caiapós com os Bandeirantes, o primeiro registro desse contato foi realizado pelo bandeirante Belchior Dias Carneiro em 1607. Logo na segunda metade do século XVII ocorreram diversos conflitos entre os dois grupos, os Bandeirantes tentaram com base na força expulsar os índios que resistiam da mesma forma. Esses conflitos só terminaram por volta de 1826, quando os Caiapós foram definitivamente expulsos, indo em direção ao interior do país. A partir da ocupação pelos Bandeirantes, a região se tornou um importante entreposto na rota para Goiás que era utilizada para as expedições e pelos tropeiros.

É interessante destacar os fatores geográficos regionais que facilitaram esse processo. A região possui um relevo muito variado, com grande alternância de altitudes, de solos e de vegetação, sendo ricamente dotada de cursos de água, os quais, segundo Tosi (2002, p. 35), foram determinantes para as ocupações iniciais. Os três principais rios que abastecem a região são: o Pardo, o Sapucaí e o Grande e entre esses rios existem dois espigões, um situado entre o rio Pardo e o rio Sapucaí e o outro entre o rio Sapucaí e o rio Grande, ambos foram responsáveis por definir a abrangência de duas freguesias na região, a da Franca e a dos Batatais.

Tosi (2002, p. 35) indica que desde a abertura da rota para Goiás, as localidades mais elevadas ao longo do percurso foram os primeiros assentamentos populacionais, servindo de abastecimento dos viajantes e como posto de defesa dos territórios contra os índios Caiapós. Sobre a ocupação, o autor destaca:

Enquanto via de circulação de riquezas, os homens não tardaram a ocupá-lo, apossando-se de terras capazes de oferecer produtos do mato, das roças e da criação, e que permitissem reter parte da riqueza que por ali passava. Evidenciasse, dessa forma, o fato de a região ter se constituído um ponto estratégico no fluxo entre as Capitânicas e se tornado capaz de flexibilizar o uso de recursos, alternando e conjugando atividades voltadas para um comércio de subsistência e de longo curso. (2002, p. 35)

Segundo Tosi (2002, p. 35), a ocupação definitiva, realizada por grandes proprietários, ocorreu após a chegada de famílias de poucas posses, as quais se deslocaram para a região devido aos conhecimentos quanto à qualidade da terra e as potencialidades de inserção de produtos em um sistema de troca.

Neste momento, é válido destacar algumas normas e leis que influenciaram esse processo. Em 18 de setembro de 1850, o imperador dom Pedro II assinou a Lei de Terras, por meio da qual o Brasil optou oficialmente por privilegiar os latifúndios na zona rural em detrimento de pequenas propriedades (WESTIN, 2020). Grande parte

dos senadores e deputados que debateram e criaram o projeto de lei eram senhores de terras. Documentos guardados no Arquivo do Senado, em Brasília, relatam discursos como o do senador Costa Ferreira (MA), por exemplo: “Isso de repartir terras em pequenos bocados não é exequível. Só quem nunca foi lavrador é que pode julgar o contrário. São utopias. Ninguém vai para lá (o interior do país). Ninguém quer arriscar.” (WESTIN, 2020, s. p.)

O argumento de Costa Ferreira era de que os pequenos camponeses não teriam força para expulsar os indígenas, logo, as terras deveriam pertencer aos grandes senhores, o senador continua:

Existem nas províncias muitas terras, mas algumas não se acham demarcadas nem são beneficiadas porque estão infestadas de gentios (indígenas). Nas minhas fazendas já tenho tido prejuízos por essa causa em gado, escravos, etc. A maior parte dos (pequenos) lavradores da minha província não lavra para o interior porque o gentio não os deixa. Mas um lavrador poderoso, logo que entra, pode beneficiar as terras. (WESTIN, 2020, s. p.)

Com a Lei de Terras aprovada, as terras já possuídas na atual região de Franca – SP passaram por processos de demarcação, tornaram-se propriedade privada e foi se formando um mercado de terras. É fato que, posteriormente, outras famílias de maiores recursos se estabeleceram na região, comprando as posses dos primeiros entrantes. (TOSI, 2002, p. 37). Desta maneira, a região foi sendo povoada com base nos grandes latifundiários, suas famílias, trabalhadores e escravos.

Em 1824, os povoados sob a jurisdição da Villa Franca do Imperador já comportavam cerca de 10.664 moradores, entre os quais 1.615 eram escravos. As atividades ali desenvolvidas englobavam o cultivo de milho, cana, feijão, arroz, mandioca, trigo, algodão e mamona. Ainda havia a criação de bovinos, ovinos, caprinos, sumos e equinos. No entanto, é muito difícil definir se as produções eram para autoconsumo ou para entrar no giro mercantil (TOSI, 2002, p. 38).

## **2.2. Os primeiros passos da urbanização**

Segundo o site oficial do município, nas primeiras décadas do século XIX, um núcleo urbano foi se constituindo em forma de tabuleiro de xadrez em torno da Igreja Matriz. Foram construídas casas, as quais receberiam os moradores aos domingos e feriados, a maior parte da população passava seus dias nas fazendas, cuidando de gados e plantações.

A partir das anotações realizadas pelo viajante Luiz de D'Alincourt, verifica-se que em 1818 o arraial estava bem arruado, com ruas pouco povoadas, com exceção do Largo da Matriz, que estava “mais guarnecido de casas, que são construídas de pau a prumo, com travessões e ripas, cheios de vãos de barro e as paredes rebocadas com areia fina, geralmente pequenas e cobertas de palha”. (FRANCA, 2017, s. p.)

Ainda no site oficial do município, é possível encontrar uma citação de outro viajante, Auguste de Saint Hilaire, datada de 1819:

O arraial de Franca, onde parei, fica situado num aprazível descampado, em meio a extensas pastagens alpicadas de tufos de árvores e cortadas por vales pouco profundos. O arraial ocupa o centro de um largo e arredondado, sendo banhado dos dois lados por um córrego. Não havia ali, à época de minha viagem, mais do que umas cinquenta casas, mas já tinha sido demarcado o local para a construção de várias outras. Era fácil ver que Franca não tardaria a adquirir grande importância. (FRANCA, 2017, s. p.)

Algumas leis provinciais auxiliaram esse processo, elas surgiram em decorrência de um episódio chamado “Anselmada”. Segundo o site oficial do município, Franca foi teatro de revolta, por parte do Capitão Anselmo Ferreira de Barcellos, um renomado possuidor de terras da região. A motivação do conflito foi a divergência entre os senhores de terra que ali ocupavam os cargos judiciários da região, com os novos governantes de Franca.

Ao que os documentos históricos indicam, houve muito sangue derramado e muitas pessoas fugiram do local. Anselmo Ferreira de Barcelos juntamente com 70 homens armados cercaram a casa do juiz de paz Manoel Rodrigues Pombo, o qual pretendiam assassinar. O juiz foi assassinado, presos foram soltos e inocentes foram mortos. Na época, o jornal Sete d'Abril, 1838, registrou o que estava ocorrendo:

Figura 4

**Desordem na Villa da Franca.**

Consta-nos com toda a certeza, que chegára da Villa Franca, ao Presidente da Provincia, um officio do Juiz de Direito interino, pedindo auxilio por occasião dos movimentos, que ali tiveram lugar no mez p. p. Na madrugada do dia 27 d'aquelle mez Anselmo Ferreira de Barcellos, d'aquella Villa, accommettêo-a com 70 homens armados, grande parte criminosos. Cercaram estes a casa do Juiz de Paz Manoel Rodrigues Pombo, a quem pretendiam assassinar, e entre outros desatinos assassinaram a um Pai de família, soltaram os que estavam prêsos para recrutas, e deposeram os Juizes de Paz e de Direito interinos, retirando-se depois da Villa. No dia 31 de Outubro o Povo d'aquella Villa pegou em armas e reintegrou as Autoridades demittidas, e 80 e tantos homens se acham em armas commandados pelo Commandante interino de Guardas Nacionaes, por varios Capitães e mais officiaes da mesma Guarda, reunindo-se-lhes o Tenente Commandante do destacamento da Villa com 5 soldados que lhe restam d'esta tropa, pois que o destacamento de Guarda Nacional foi dissolvido pelo Juiz de Direito interino, que servio enquanto durou a deposição do que hoje serve. De ambos os lados se estavam preparando; de um para novo ataque, e de outro á defêsa, e a consternação e o susto reinava na Villa.

('Phenix' de 17 de Novembro.)

Fonte: Jornal O Sete d'Abril, 1838.

Após alguns meses do ocorrido, Anselmo e seus cúmplices foram julgados em Batatais, cidade vizinha a Franca, sob a alegação de que o julgamento deveria ser imparcial. Todos foram absolvidos dos crimes de sedição e homicídio. Devido ao conflito, foi criada a lei provincial nº 7 de 14 de março de 1839, a qual Franca passou a ser sede de uma Comarca e possuir um Juiz de Direito e em março de 1842 é criado o Distrito Policial. Essa estrutura que estava se formando daria subsídio para lei provincial nº 21 de 24 de abril de 1856, a qual elevou a categoria de cidade. (FRANCA, 2017, s. p.)

Tosi (2002, p. 68) demarca que a passagem da sociedade rural e mercantil, cuja atividade principal era pecuária de trânsito e comércio de sal, para uma sociedade

mais urbanizada ocorreu em Franca a partir de 1860. Essa urbanização inicial foi promovida pela atividade cafeeira que começou a se instalar na região, voltada ao comércio agrário-exportador. Ainda segundo o autor, os protagonistas dessa primeira onda de modernização foram monarquistas, escravagistas e adeptos de uma moral eclesiástica conservadora.

O declínio da atividade mercantil em Franca e o surgimento da cafeeira de exportação ao que tudo indica foi um processo gradativo. Foi no último quinquênio do século XIX, mais precisamente entre 1885 e 1897 que a cafeeira francana se consolidou. Segundo a obra de Tosi (2002, p. 106), em 1899 e 1900 as quantidades embarcadas de café foram 6 mil toneladas, o que corresponde a 40% das 15 mil toneladas do peso total movimentado nesses anos na estação ferroviária em Franca.

Além de condições físicas propícias, como clima e solo, outros fatores que condicionaram a implantação dessa forte cafeeira na região permanecem incertos, constituindo uma lacuna na história francana. Essa falta de informações confiáveis sobre esse momento é elucidada por Tosi (2002, p. 107):

Seria extremamente útil localizar uma documentação capaz de desvendar os nexos existentes entre os proprietários fundiários responsáveis pelo processo de implantação do café, suas formas de articulação com o colonato, bem como o papel desempenhado pelo capital mercantil. A partir daí, poder-se-ia precisar as transformações ocorridas, essa é uma lacuna existente na história francana, um dos motivos é a falta de informações seguras a respeito da composição da população entre 1888 e 1900.

Com a vinda de imigrantes para o Brasil no final do século XIX e início do século XX, diversos incrementos populacionais foram ocorrendo na cidade. Documentos indicam que na década de 1920, entraram no município um contingente de 5.229 imigrantes, o que corresponde a quase 46% do incremento populacional da década, que atingiu a casa dos 11.407 novos habitantes. Franca começou a década de 1930 contando com uma população de 55.715 habitantes (TOSI, 2002, p. 107).

Segundo Tosi (2002, p. 108), esses imigrantes que vieram a compor a população de Franca foram em grande parte para a atividade cafeeira, embora muitos outros tivessem se fixado diretamente na cidade. O sistema de colonato foi a forma de articulação entre a necessidade de força de trabalho e a manutenção dos interesses dos proprietários agrícolas. Tosi (2002, p. 108) demarca a força do colonato em:

Os colonos eram um conjunto de trabalhadores submetidos a um contrato celebrado entre o proprietário e o chefe de família e, por isso, tornavam-se uma força de trabalho indissolúvel, plena de dependência recíprocas; características que faziam dela uma potencialidade de trabalho intangível, ao

mesmo tempo em que minimizava a possibilidade de confronto e conflito entre os grupos sociais envolvidos.

No tangente à origem desses imigrantes, os que melhor se adequaram ao trabalho sob o regime do colonato em Franca foram os oriundos da Península Itálica e da Espanha. Em 1920, eles representavam, respectivamente, 44,8% e 38,5% dos imigrantes. Isso foi, em parte, proporcionado por uma “vantagem conferida pelo proprietário ao estabelecer a possibilidade de se produzir alimentos em uma faixa de terra que, ou poderiam ser destinados ao sustento familiar, ou poderiam ser comercializados” (TOSI, 2002, p. 109). Desta maneira, havia uma miragem do acesso à terra, visto que se os colonos conseguissem honrar o contrato da lavoura cafeeira e minimizar seus débitos com o proprietário, seria possível acumular recursos para estabelecer seu próprio acesso à terra.

A possibilidade de ascensão social por parte dos colonos a partir do trabalho nos cafezais é elucidada por Tosi (2002, p. 110) em:

Quando os cafezais estavam já formados e, no limite, quando os colonos já estivessem não apenas quites com o seu senhorio pelo cumprimento do contrato, mas, sobretudo, detendo algum crédito, aí poder-se-ia pensar em outras formas de trabalho ou na ascensão social dos colonos ao mundo dos proprietários. Isso significava, acima de qualquer coisa, aquisição da capacidade de atuar no mercado.

Segundo Da Cunha (2010, p. 18), a entrada da cafeicultura na região se deu em um momento de evidente crise do trabalho escravo, resultado das leis emancipacionistas e dos movimentos abolicionistas da época. Daí a importância do regime de colonato para exercer funções anteriormente cumpridas pelo trabalho escravo.

Como visto por Da Cunha (2010, p. 19), a sociedade francana foi se modificando devido a diversos novos cenários e atores, como a chegada da ferrovia (1887), o fim da escravidão (1888), avanços dos meios de comunicação e transporte, expansão do setor de comércio e serviços, as transformações políticas com a Proclamação da República (1889), a entrada de novos imigrantes nacionais (como mineiros) e estrangeiros (principalmente italianos) a partir dos anos 1880.

Segundo Da Cunha (2010, p. 19), a chegada do café não desbancou as atividades tradicionais da cidade, principalmente a criação de gado vacum. Neste momento, os vínculos com os mercados de outras cidades permaneceram, e as novas relações foram estabelecidas com mercados de cidades mais longínquas por meio da estrada de ferro Alta Mogiana.

Foi nesse contexto de intensas transformações na sociedade francana que as oficinas que manufaturavam couro e os curtumes foram se expandindo, atividade que despontou ao longo do século XX como uma das principais formas de geração de riquezas da cidade.

### **2.3. O surgimento da indústria coureiro-calçadista de Franca**

Conforme Tosi (2002, p.149), a história do calçado em Franca é antiga, estudos indicam que entre 1872 e 1877 já havia cerca de 10 sapateiros na cidade e em 1911 esse número saltou para 24. Os sapateiros em sua maioria eram pessoas de origem italiana, membros da população urbana e detentores de um ofício. O âmbito das oficinas era confundido com os das famílias, fator até hoje presente em diversas empresas calçadistas do município.

Na segunda metade da década de 1990, seguindo com Tosi (2002), Franca reunia condições de adensamento da atividade coureira, projetando-se naquela época na atividade de curtimento de couro. É válido notar que em 1913 foi criado o primeiro curtume da cidade dotado de maquinário importado diretamente da Alemanha, constituindo-se como segundo curtume mecanizado do Estado de São Paulo, o primeiro, localizava-se na capital e o segundo era o de Franca. A prefeitura municipal concedeu, na época, isenção de impostos e taxas por dez anos. A partir desse cenário, Tosi conclui: “Considerando-se que havia em Franca disponibilidade de capitais para instalação de indústrias e, ainda, o fato de a indústria de tecidos anteriormente planejada não ter virado realidade [...] pode-se pensar na consolidação da indústria coureira” (2002, p. 159).

Desta forma, segundo Tosi (2002, p. 155), projetava-se nesse cenário, uma elevação do comércio de bens transformados produzidos na cidade, adicionando valor agregado aos produtos transportados. “Isso verificou-se tanto na produção dos calçados e selas acima mencionados, quanto na de bebidas e derivados da cana-de-açúcar e no processamento de couros.” (TOSI, 2002, p. 155).

Ao final da década de 1920, Franca era a cidade do interior paulista com o maior número de estabelecimentos produtores de calçados. No entanto, ainda era difícil ter a ideia de que a cidade viria a ser “A Capital Nacional do Calçado Masculino”. Outras cidades do estado também possuíam fábricas com porte significativo, como São Bernardo do Campo, Guarulhos, Campinas, Sorocaba, Piracicaba, Rio Claro,

Ribeirão Preto, Itapetininga, Taubaté, Jacareí, Limeira, São Carlos, Araras e Penápolis. Em termos nacionais, o Rio de Janeiro e as cidades vizinhas de Novo Hamburgo no Rio Grande do Sul já possuíam uma expressiva atuação na indústria calçadista.

#### **2.4. A expansão da indústria coureiro-calçadista de Franca**

Segundo Barbosa e Barbosa (2010, p. 473), um novo salto tecnológico ocorreu na década de 1930. Em 1936, Antonio Lopes de Mello, o qual foi um operário da Jaguar Calçados, promoveu a mecanização da sua indústria, a Calçados Mello, com a aquisição de máquinas vindas da Alemanha da marca *Moenus*. Pouco tempo depois o maquinário foi trocado por equipamentos norte-americanos obtidos sob a forma de arrendamento à *United Shoe Machinery Company (USMC)*. Antonio Lopes de Mello participou de uma entrevista do jornal local Comércio da Franca em 17 de agosto de 1939, a qual justificou a sua decisão dizendo que buscava ampliar a capacidade de produção e a qualidade do produto. A técnica americana adotada por ele demarcou um significativo avanço na produção, visto que utilizava o processo criado pela *Goodyear*, que consistia na vulcanização da borracha (método de adição de enxofre e aplicação de calor e pressão à uma composição de borracha, com o intuito de modelar o material em alguma forma desejada), dispensando as antigas tachinhas, uma vez que as solas eram agora pregadas por pressão ao cabedal do sapato.

O contexto de industrialização nacional também foi marcante para Franca, como visto por Barbosa e Barbosa (2010, p. 473) em:

Iniciava-se, assim, ao final da década de 1930, um novo momento para a produção de calçados em Franca, com a gradativa superação da produção artesanal pela utilização da maquinaria e o surgimento da fabricação com características de indústria propriamente dita.

Avançando para 1940, pouco a pouco a vida industrial francana foi tomando importância e influenciando o desenvolvimento da zona urbana e adquirindo mais influência perante as cidades vizinhas. No entanto, como relatado por Tosi (2002, p. 207), embora a aceleração da urbanização e industrialização da cidade devido às indústrias de transformação do couro seja real, até 1940 a principal atividade econômica que movimentava a cidade era o café. Isso devido ao cenário internacional, conforme Tosi (2002, p. 207):

Com a crise de 1929, os compradores, principalmente os voltados para o abastecimento do mercado americano, passaram a privilegiar ainda mais os cafés finos. Franca passou, então, a divulgar melhor seus cafés como parte de uma estratégia de sobrevivência da atividade frente a outros centros produtores, notadamente Ribeirão Preto na área da Mogiana e outras cidades nas áreas da Sorocabana e da Noroeste.

A indústria coureiro-calçadista de Franca foi se estabelecer de fato na década de 1950, momento em que houve um grande aumento das atividades do setor. Segundo Tosi (2002, p. 247), dois acontecimentos foram decisivos para isso, o primeiro é o surgimento da empresa Amazonas Produtos para Calçados, a qual permanece até hoje no município como uma referência no segmento. A Amazonas foi fundada em 1947 e produzia saltos e solados vulcanizados em borracha, utilizando o processo *Goodyear*, o que facilitou e auxiliou diversas empresas locais no processo de produção de seus calçados. Outro acontecimento decisivo foi o surgimento do “mocassim” (figura 4), proporcionado pela empresa já de grande porte Calçados Samello, a qual enviou em 1948 os irmãos Oswaldo Sábio de Mello e Miguel Sábio de Mello para um estágio de 4 anos na Lynn Shoemaking School, localizada em Boston, nos Estados Unidos. Desta maneira, a Samello passou a incorporar maquinários e técnicas americanas até então exclusivas para a produção do calçado, o qual se generalizou para a maioria dos homens como sinônimo de boa aparência. Em 1990, Wilson Sábio de Mello (filho de Miguel) sintetizou o impacto causado no mercado pelo surgimento do “mocassim”. E em entrevista, citada por Barbosa e Barbosa (2010, p. 474), Mello relatou a mudança:

(...) devido à sua flexibilidade, ao clima tropical e às adaptações que nós fizemos, o mocassim revolucionou o mercado e se constituiu, efetivamente, numa das principais causas para o desaparecimento dos palmilhados e dos tacha-ponto no Brasil. (...) Passados alguns anos, todas aquelas fábricas de palmilhados ou se adaptaram ao novo mercado, ou fecharam (Wilson Sábio de Mello, 1990, p. 44)

Figura 5 – Propaganda Samello em revista



No inverno, quando é ainda mais importante calçar com elegância, calce os novos modelos Samello - No Inverno, quando a estação fria exige calçados sóbrios e clássicos, SAMELLO lança estes novos modelos absolutamente inéditos. São modelos fabricados com engenho e arte, oferecendo o conforto e elegância de que só SAMELLO é capaz. Conheça-os sem demora, nas melhores sapatarias! Aparecem acima, da esquerda para a direita, SUSTENDO (ref. 5421) em anta-side havaiana, forma anatómica "Triennale"; SAN-TISTA (ref. 5476) em antilope castor, com novo adorno de metal e SEQUÊNCIA (ref. 5721) - em lega chocolate, forma "Triennale".

**SAMELLO**

FRANCA SÃO PAULO

Fonte: Propagandas Históricas

Tosi (2002, p. 247) argumenta que esse forte estabelecimento da indústria couro-calçadista em Franca não se deve apenas a uma empresa ou a um grande detentor de capital, mas sim a todo um conjunto de novas fábricas que iam surgindo com o contexto propício da época, como visto em:

Portanto, não foi uma empresa ou um grupo de proprietários de capitais que forjaram essa verticalização, mas um conjunto de detentores de capitais que estavam pulverizados, quanto à sua propriedade e seu comando. O que havia de comum era o fato de estarem envolvidos em uma mesma atividade, cujo núcleo da cadeia produtiva se aglomerava geograficamente e para qual o mercado oferecia oportunidades espetaculares.

Os estudos de Barbosa e Barbosa (2010, p. 474) apontam que o mercado em expansão no Brasil, entre 1930 e 1960, favoreceu o progresso de pequenas empresas iniciadas com pequenos capitais no interior de São Paulo. Aliado a isso, as indústrias de calçados de outros centros produtores como São Paulo e Rio de Janeiro começaram a entrar em declínio, visto que a metropolização trouxe desvantagens locais quando comparado ao interior, onde os preços da mão de obra e da produção de sapatos eram mais baratos.

Em 1969, segundo Barbosa e Barbosa (2010, p. 475), Franca consolidou sua projeção no mapa econômico do país, por meio da criação da Feira de Couro e do Calçado de Franca (FRANCAL), evento de dimensões nacionais que fixou a representação da cidade como a mais importante na fabricação de calçados masculinos. É no final da década de 1960 e início de 1970 que a cidade ficou conhecida como “A Capital Nacional do Calçado Masculino”. Neste momento histórico, a produção local chegava a quase 8 milhões de pares por dia, o município passou a receber anualmente homens de negócios de todas as partes do país e do mundo. A partir dos estudos de Barbosa e Barbosa (2010, p. 475), é possível afirmar que os “anos dourados” da indústria francana foram entre o final da década de 1960 e 1980, período marcado por intensa ampliação industrial e vendas para o exterior. O contexto nacional favoreceu a presente indústria, recebendo diversos benefícios federais dos governos existentes no período da ditadura militar (1964-1985). Como visto por Barbosa e Barbosa (2010, p. 479):

As facilidades em termos de crédito e estímulos fiscais geradas pelo apoio estatal à indústria do calçado possibilitaram o erguimento em curto prazo de uma rentável plataforma exportadora de calçados em Franca. Se em 1970 as exportações não alcançavam meio milhão de dólares, dois anos depois já chegavam a 10 milhões de dólares.

Machado Neto e Almeida (2008) também ilustram como as políticas de incentivo às exportações realizadas pelo governo federal brasileiro na década de 1980 influenciou positivamente a indústria calçadista nacional, chegando ao auge em 1993. Segundo Machado Neto e Almeida (2008):

Na década de 1980, tendo em vista a necessidade de divisas (dólares), o governo federal brasileiro implantou uma política de incentivo às exportações (REIS, 1994), cujo objetivo principal era a obtenção de saldos positivos na balança comercial, com a finalidade de atender aos encargos financeiros da dívida externa. Para tanto, o governo buscou promover as exportações e conter as importações. Foram vários os incentivos implementados pela política econômica governamental, com a finalidade de fomentar as exportações na década de 1980 (isenções de impostos, subsídios, benefícios fiscais a programas de exportação), além de uma política cambial caracterizada por constantes minidesvalorizações. Aproveitando tais benefícios, a indústria calçadista expandiu suas exportações de forma significativa. Passou de 22 milhões de pares e um ingresso de divisas da ordem de US\$ 93 milhões, em 1973, para 93 milhões de pares e US\$ 682 milhões de divisas em 1983, atingindo seu ponto mais alto em 1993, com a exportação de 201 milhões de pares e o ingresso de US\$ 1.846 milhões em divisas (ABICALÇADOS, 2006).

Segundo dados da Abicalçados, em 2005 o município de Franca contava com 500 empresas, 2.600 empregados e uma exportação de mais de 7 milhões de pares de calçados.

## 2.5. Franca como uma cidade média

Silvestrin e Triches (2008, p. 7) sublinharam a existência em Franca de uma estrutura produtiva de *cluster*, isto é, além de fábricas de calçados, há produtores de insumos como adesivos, solados, matrízarias, curtumes, máquinas e equipamentos, agentes de mercado externo e interno e instituições que procuram desenvolver inovações tecnológicas e gerenciais.

De acordo com pesquisas realizadas no site oficial do município de Franca, além da produção de calçados, a cidade possui outros atrativos importantes. No setor agropecuário, a cidade se destaca por forte produção café, uma vez que o município possui uma boa altitude e solo adequado para o cultivo, a chamada “terra roxa”. Franca também é conhecida como a “Capital do Basquete” devido à grande tradição na formação de jogadores para a seleção brasileira de basquete e o grande número de títulos conquistados pelo clube municipal “Franca Basquetebol Clube”, o qual já foi 6 vezes campeão do Campeonato Sul-Americano de Clubes Campeões, 4 vezes campeão do Campeonato Pan-Americano de Clubes, entre outras conquistas. No quesito lazer, a cidade se destaca com parques públicos, diversas ciclovias, ginásios poliesportivos, museus e monumentos históricos como o Relógio do Sol, construído em 1886 pelo Frei Germano D’Annecy, o qual só existe outro igual no mundo, localizado em Annecy, na França.

Por fim, ainda segundo pesquisas realizadas no site oficial do município, outro aspecto da cidade que possui relevância regional é o parque universitário, composto por diversas instituições de ensino superior como UNESP (Universidade Estadual Paulista), Uni-FACEF (Centro Universitário Municipal de Franca), FDF (Faculdade de Direito de Franca), FATEC - Faculdade de Tecnologia Dr. Thomaz Novelino, e UNIFRAN (Universidade de Franca), além da presença do “Sistema S” (Senai, Sebrae, Sesi e Senac), que oferece mais de 60 cursos entre formação técnica, graduação e pós-graduação.

Desta maneira, com uma forte presença em diversos setores, Franca exerce uma importante influência regional no nordeste do estado de São Paulo, sendo a sede da Região Administrativa de Franca (figura 6). Segundo a Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados (SEADE) essa região administrativa concentra 23 cidades que somadas possuem mais de 750 mil habitantes.

Figura 6 – Mapa da Região Administrativa de Franca



Fonte: Instituto Geográfico e Cartográfico (IGC), 2007.

Nesse sentido, devido à importância regional do município, como indicado acima, Franca será apreendida por meio do conceito de cidades médias, desenvolvido por Maria Encarnação Beltrão Sposito.

Sposito (2007, p. 9) chama atenção para o cuidado que é necessário ter no momento de empregar termos como “cidades médias” e “cidades de porte médio”. Para a autora, o termo “cidades de porte médio” está ligado apenas aos seus tamanhos demográficos, que para o IBGE (2010) são as que possuem entre 100 mil e 500 mil habitantes, ao passo que o termo “cidades médias” refere-se a cidades que desempenham importantes papéis regionais de intermediação entre grandes cidades e cidades pequenas, com forte relação com a área na qual está situada e pela concentração e centralização econômica, de acordo com a realidade regional.

Desta forma, são características das cidades médias:

[...] o papel de intermediação entre as pequenas e as grandes, então são cidades que comandam uma região, que polarizam uma região, que crescem em detrimento de sua própria região ou crescem em função da sua própria região, as duas coisas acontecem. Cidades médias que ampliam seus papéis, porque diminuem os papéis das cidades pequenas a partir de uma série de mecanismos econômicos, ou cidades que, em função do tipo de

atividade que têm, das lideranças que ali se encontram, são capazes de crescer e propor um projeto ou desempenhar um papel político, econômico e social de crescimento para toda uma região (SPOSITO, 2009, p. 19).

Visando entender melhor a temática das cidades médias é possível localizar, baseados em Sposito (2001), o importante papel regional que esse tipo de cidade desempenha, assim elucidado pela autora,

[...] podemos caracterizar as “cidades médias”, afirmando que a classificação delas, pelo enfoque funcional, sempre esteve associada à definição de seus papéis regionais e ao potencial de comunicação e articulação proporcionado por suas situações geográficas, tendo o consumo um papel mais importante que a produção na estruturação dos fluxos que definem o papel intermediário dessas cidades. (SPOSITO, 2001, p. 635)

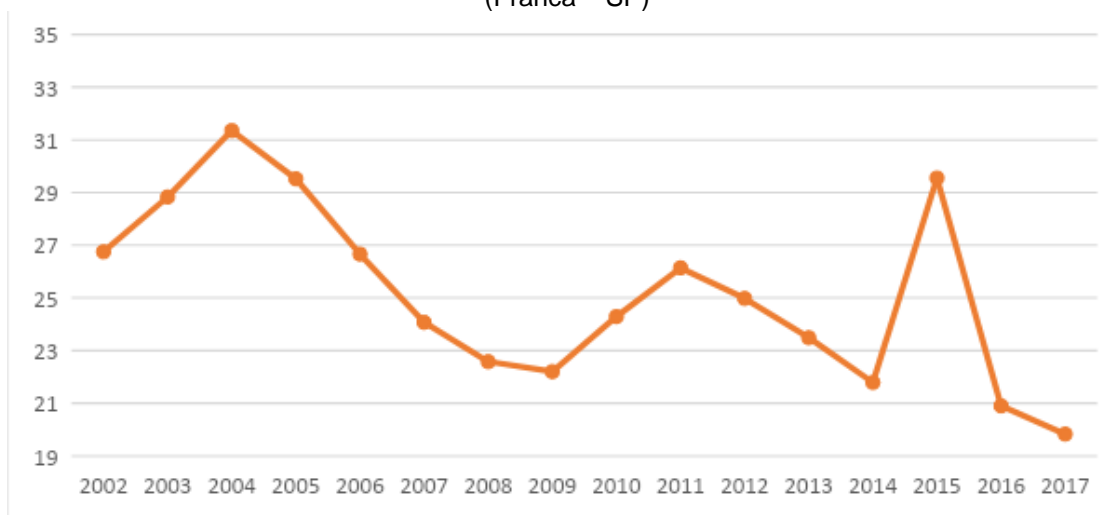
Assim, o conceito de cidade média aplicada ao município de Franca – SP, corresponde às cidades que apresentam expressivas centralizações e concentrações econômicas e que possuem papéis de intermediadoras entre as cidades pequenas e as grandes no âmbito de diferentes redes urbanas. Este é, sem dúvida, o caso do município de Franca e a indústria de calçados contribuiu muito para o evoluir da cidade neste sentido.

### 3. A DESINDUSTRIALIZAÇÃO DE FRANCA

Ao longo das últimas décadas, mesmo com a forte presença no município, a indústria coureiro-calçadista vem perdendo expressividade. Acreditamos que essa retração da indústria esteja relacionada também ao que acontece em nível nacional. A redução da atividade industrial em Franca é visível nas figuras 7 e 8, os quais ilustram a queda da participação do setor industrial e a ascensão do setor de serviços no Produto Interno Bruto (PIB) do município. É possível realizar também uma análise paralela com a figura 9, a qual ilustra um histórico entre 2000 e 2019 do número de empregados nesta indústria. Comparando principalmente as figuras 7 e 9, consegue-se aferir que mesmo com a repentina subida da participação industrial em 2015, a qual iremos investigar os motivos, o número de empregados na indústria calçadista continuou decrescendo, evidenciando queda na oferta de empregos dessa indústria no município.

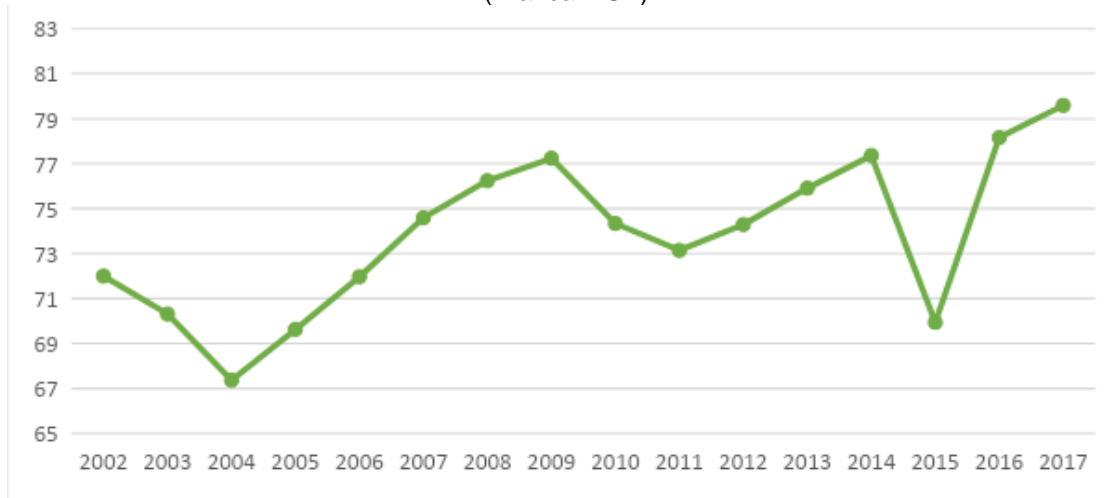
Outros aspectos dessa queda apresentada serão comentados a seguir.

Figura 7 – Gráfico: Participação da Indústria no Total do Valor Adicionado (Em %) – 2002 – 2017 (Franca – SP)



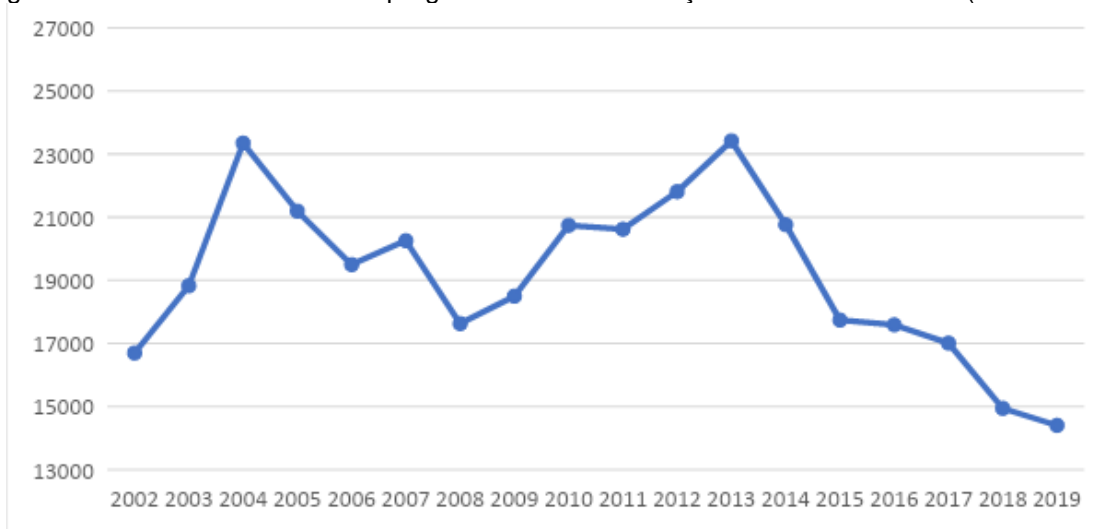
Elaborado pelo autor. Fonte: SEADE

Figura 8 – Gráfico: Participação do Serviços no Total do Valor Adicionado (Em %) – 2002 – 2017 (Franca – SP)



Elaborado pelo autor. Fonte: SEADE

Figura 9 – Gráfico: Número de empregados na indústria calçadista de Franca – SP (2002 – 2019)



Elaborado pelo autor. Fonte: SINDIFRANCA

### 3.1. O conceito de desindustrialização, as suas causas e consequências

Primeiramente, é necessário discorrer um pouco sobre o conceito de desindustrialização. Segundo Oreiro e Feijó (2010), o conceito “clássico” de desindustrialização foi definido em 1999 por Rowthorn e Ramaswany sendo entendido como uma redução da participação de mão de obra no setor secundário em relação ao emprego total em determinado país ou região. Dez anos depois, Tregenna (2009) redefiniu a conceituação de maneira mais ampla, como sendo “uma situação na qual

tanto o emprego industrial como o valor adicionado da indústria se reduz como proporção do emprego total e do PIB, respectivamente.” (OREIRO e FEIJÓ, 2010, p. 221).

Oreiro e Feijó (2010) destacam dois pontos importantes a respeito do conceito ampliado de “desindustrialização”. O primeiro é que a desindustrialização não está necessariamente ligada a uma estagnação ou a uma queda da produção, mas sim a perda da importância do setor industrial como fonte geradora de empregos e/ou de valor adicionado para uma determinada economia. Desta maneira, o simples crescimento da produção da indústria em termos físicos não pode ser utilizado como prova da inexistência de desindustrialização.

O segundo ponto é que a desindustrialização não se refere inevitavelmente a uma “reprimarização da pauta de exportação”. A participação da indústria “pode se reduzir em função da transferência para o exterior das atividades manufatureiras mais intensivas em trabalho e/ou com menor valor adicionado” (OREIRO e FEIJÓ, 2010, p. 222). Desta forma, mais comum aos países desenvolvidos, a desindustrialização pode significar um aumento da participação de produtos com maior quantidade de tecnologia e maior valor adicionado na pauta de exportações, com a produção mais intensiva em trabalho e/ou com menor valor adicionado concentrada nos países menos desenvolvidos. Neste cenário, a desindustrialização seria classificada como “positiva”, no caso dos países centrais. No entanto, a desindustrialização pode vir acompanhada de uma “reprimarização” da pauta de exportações, isto é, por um processo de “reversão da pauta exportadora na direção de *commodities*, produtos primários ou manufaturas com baixo valor adicionado e/ou baixo conteúdo tecnológico” (OREIRO e FEIJÓ, 2010, p. 222). Neste caso, a desindustrialização seria negativa, visto que é resultado de uma “falha de mercado”, agravadas por políticas cambiais (apreciação da taxa de câmbio real), produzindo assim uma externalidade negativa sobre o setor produtor de bens manufaturados (BRESSER-PEREIRA, 2008 *apud* OREIRO e FEIJÓ, 2010).

A desindustrialização pode ser causada por fatores internos e externos a uma determinada economia. Segundo Oreiro e Feijó (2010), os fatores internos são dois: a mudança na relação entre a elasticidade renda da demanda por produtos manufaturados e serviços e o crescimento mais rápido da produtividade na indústria do que no setor de serviços. Segundo os autores, neste caso, o processo de

desenvolvimento econômico levaria todas as economias à desindustrialização ao atingirem determinado nível de renda *per capita*.

(...) a elasticidade renda da demanda de serviços tende a crescer com o desenvolvimento econômico, tornando-se maior do que a elasticidade renda da demanda por manufaturados. Desta forma, a continuidade do desenvolvimento econômico levará a um aumento da participação dos serviços no PIB e, a partir de um certo nível de renda *per capita*, a uma queda da participação da indústria no PIB. Além disso, como a produtividade do trabalho cresce mais rapidamente na indústria do que nos serviços, a participação do emprego industrial deverá iniciar seu processo de declínio antes da queda da participação da indústria no valor adicionado. (OREIRO e FEIJÓ, 2010, p. 222)

Neste contexto, também é necessário citar a “doença holandesa” (PALMA, 2005 *apud* OREIRO e FEIJÓ, 2010), a qual pode afetar a relação entre a participação do emprego e do valor adicionado da indústria e a renda *per capita*. Assim, “a abundância de recursos naturais pode induzir a uma redução da participação da indústria no emprego e no valor adicionado por intermédio da apreciação cambial” (OREIRO e FEIJÓ, 2010, p. 223), resultando em perda de competitividade e déficit comercial da indústria. Deste modo, a desindustrialização ocasionada pela chamada “doença holandesa” está associada a déficits comerciais crescentes do setor secundário e superávits comerciais crescentes no setor primário ou terciário.

A desindustrialização causada pela “doença holandesa” também é chamada de “desindustrialização precoce”, visto que esse processo se iniciaria em um nível de renda *per capita* inferior à “desindustrialização positiva” que aconteceria nos países desenvolvidos no cenário supracitado. Como visto por Oreiro e Feijó (2010, p. 223):

Sendo assim, os países afetados pela “doença holandesa” iniciam o seu processo de desindustrialização sem terem alcançado o “ponto de maturidade” de suas respectivas estruturas industriais e, portanto, sem ter esgotado todas as possibilidades de desenvolvimento econômico que são permitidas pelo processo de industrialização.

No tangente as consequências da desindustrialização, estas são compreendidas no presente trabalho sob a ótica da indústria como motor do crescimento de longo prazo das economias capitalistas (OREIRO e FEIJÓ, 2010). Como visto por Cano (2012, p. 832): “Não há, na história, país algum que se desenvolveu, prescindindo de uma generalizada industrialização e de um forte e ativo papel do Estado Nacional”. Desta forma, a indústria é entendida como o setor mais importante da economia, uma vez que é a fonte de retornos crescentes de escala, o

que possui mais força para promover e difundir o progresso tecnológico e, ao mesmo tempo, permite o relaxamento da restrição externa ao crescimento de longo prazo. Assim, a desindustrialização impacta negativamente o potencial de crescimento de longo prazo, uma vez que “reduz a geração de retornos crescentes, diminui o ritmo de progresso técnico e aumenta a restrição externa ao crescimento” (OREIRO e FEIJÓ, 2010, p. 224).

### **3.2. O processo de desindustrialização nacional**

É possível afirmar, a partir dos autores já mencionados (CANO, 2012; OREIRO e FEIJÓ, 2010), que a desindustrialização precoce e nociva ilustrada anteriormente está em curso na economia brasileira, dificultando a retomada do desenvolvimento econômico do país. Os principais fatores causadores e características deste processo foram elencados em cinco tópicos por Wilson Cano (2012) em sua obra “A desindustrialização no Brasil”, os quais serão resumidos a seguir.

Como primeira causa, Cano (2012) cita a política cambial prevalecente desde os anos 1990, iniciada com o Plano Real. O câmbio excessivamente valorizado em um país em desenvolvimento como o Brasil acarretou uma perda de competitividade da indústria brasileira perante outros países, principalmente no mercado nacional. Nas palavras do autor:

Com as reformas liberalizantes e a política de estabilização, o câmbio excessivamente valorizado cumpre, até hoje, o papel de âncora dos preços, no que recebe o devido apoio “logístico” da prática dos juros reais absurdamente altos e da âncora fiscal. (CANO, 2012)

A segunda causa está ligada a abertura comercial que o Brasil vem realizando desde o governo Sarney (1985-1990). “Tal investida ampliou-se sobremodo no governo Collor, em 1990. A terceira foi feita no governo de Fernando Henrique Cardoso, a partir de 1994. Essa desregulamentação manteve-se e assim está até hoje” (CANO, 2012). A abertura comercial realizada de maneira acelerada derrubou as tarifas de importações e os outros mecanismos protecionistas da indústria nacional, somando-se ao nocivo efeito do câmbio valorizado, causando um sério problema relacionado a perda de competitividade internacional da indústria brasileira perante a de outros países mais desenvolvidos.

O terceiro ponto seriam as altas taxas de juros do Brasil, que fazem com que o empresário capitalista (tanto da ótica marxista como keynesiana) opte por investimentos da esfera especulativa e deixe de investir em negócios físicos, como a indústria, por exemplo. Cano (2012) defende que:

Uma indústria que não investe envelhece, torna-se, em parte, obsoleta, não cresce, tem dificuldades enormes de assimilar progresso técnico no dia a dia. Enfim, perde produtividade, novas oportunidades e competitividade, passando a ser forte entrave ao desenvolvimento econômico do país.

A quarta razão está ligada ao investimento direto estrangeiro. Cano (2012) aponta que é necessário muito cuidado para analisar os investimentos que são realizados, uma vez que existem diversos tipos e possibilidades, podendo ser benéficos ou não para o país de forma geral. A série história do Ambiente Integrado de Desenvolvimento (IDE) no Brasil, feita pelo Banco Central aponta que, na década de 1980, a participação da indústria de transformação no IDE era em torno de 75%, em 1990 caiu para 60% e a partir de 2001 fica em torno de 30% e 40%. Ao mesmo tempo, os investimentos de caráter especulativo crescem no Brasil, juntamente com a participação do setor de serviços. No tangente aos investimentos internos realizados no Brasil, Cano (2012) ressalta que possuem padrão semelhante, predominando a alocação nos serviços e especialmente no setor financeiro, com uma reduzida participação na indústria de transformação.

É válido ressaltar que neste mesmo período, desde os anos 1990, houve um grande aumento dos investimentos provenientes dos Estados Unidos e do continente asiático para a China, em busca de mão de obra barata e câmbio desvalorizado. Esse movimento causou nocivos efeitos para a indústria brasileira, como ilustrado por Cano (2012):

- i) perda de competitividade das exportações industriais brasileiras (“produtos manufaturados”) e, ainda, deslocamento de parte delas, pelo produto da China, em tradicionais mercados como o dos EUA;
- ii) elevado aumento de importações desses produtos, tanto em bens finais de consumo ou de capital, quanto inclusive de insumos industriais de toda ordem, especialmente, os químicos e eletrônicos, afetando de forma nociva muitas cadeias produtivas da indústria brasileira;
- iii) os dois efeitos anteriores afetaram profundamente os investimentos produtivos do setor, tornando-os de caráter mais específico, oportunistas e atomizados.

O quinto e último motivo segundo Cano (2012), é o fato de que após 2007, houve uma desaceleração da economia mundial devido à crise de 2008. Neste contexto, especialmente Estados Unidos e China, “estão desenvolvendo políticas

agressivas ao mercado internacional de produtos manufaturados, obtendo taxas elevadas de crescimento dessas exportações e recuperando parte do terreno perdido” (CANO, 2012, p. 836).

Outra consequência desse cenário é a perda de posição relativa dos países subdesenvolvidos na produção industrial mundial. Segundo Cano (2012), dados mostram que a participação do Brasil na produção da indústria de transformação mundial que já foi de 2,8% em 1980, caiu para 2% em 1990 e continuou caindo, atingindo 1,7% em 2010.

Com isso, é possível afirmar que está em curso uma reprimarização da pauta exportadora brasileira, como visto na tabela a seguir:

Tabela 1 - Brasil: exportações segundo fator agregado (1964 a 2011 - %)

Ano	Básicos	Semimanufaturados	Manufaturados
1964	85,4	8,0	6,2
1980	42,2	11,7	44,8
1985	33,3	10,8	54,9
1990	27,8	16,2	54,2
1995	22,9	20,8	56,2
2000	23,4	15,8	60,7
2006	29,9	14,5	55,6
2007	32,8	13,9	53,5
2008	37,9	13,8	48,1
2009	41,4	13,7	45,0
2010	45,5	14,3	40,2
2011	48,9	14,3	36,8

Fonte: Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio (MDIC) - Wilson Cano (2012)

A tabela ilustra que os produtos manufaturados estão perdendo espaço na pauta exportadora brasileira, uma vez que representavam pouco mais de 60% em 2000 e 11 anos depois passam para apenas 36,8%. Enquanto isso, os produtos básicos apresentam uma forte ascensão em sua participação percentual, ano após ano, constantemente desde 1995. Segundo Cano (2012, p. 843): “Os dados acima são incontestes: significam forte regressão e reprimarização da pauta exportadora”.

É possível observar que sobretudo após a década de 1980, a participação percentual da indústria começou a cair com grande intensidade, acarretando diversos problemas para a economia brasileira. Resgatando as leituras em Oreiro e Feijó

(2010), a indústria é entendida aqui como a principal peça de desenvolvimento econômico de um país. Desta maneira, esse movimento significa, na prática, uma redução da geração de retornos crescentes, uma diminuição do ritmo de progresso técnico e científico e um aumento da dificuldade do Brasil em ascender economicamente no cenário econômico mundial.

### **3.3. A desindustrialização da “Capital Nacional do Calçado Masculino”**

Com o intuito de indicar como o processo de desindustrialização vem ocorrendo em Franca, é necessário destacar a importância dessa indústria para o município, compreendendo-o como uma cidade média.

Os estudos de Silvestrin e Triches (2008) apontam que Franca possui a estrutura produtiva de *cluster* e, para entender melhor esse conceito, é válido recorrer a definição presente na obra “O complexo Coureiro-Calçadista Brasileiro” de Corrêa (2011, p. 68):

Clusters são concentrações geográficas de empresas e instituições inter-relacionadas num setor específico. Os clusters englobam uma gama de empresas e outras entidades importantes para a competição, incluindo fornecedores de insumos, tais como componentes, maquinário, serviços e fornecedores de infraestrutura especializada. Estendem-se na cadeia produtiva até os consumidores e lateralmente até as manufaturas de produtos complementares. Muitas vezes, incluem órgãos governamentais e outras instituições como universidades, escolas técnicas, agências de padronização, que promovem treinamento, educação, informação, pesquisa e suporte técnico.

Assim, segundo Silvestrin e Triches (2008), a receita gerada pela produção de calçados no município não é apenas das fábricas, mas sim de toda a concentração geográfica de empresas e instituições ligadas ao ramo, como por exemplo produtores de insumos, como solados, adesivos, curtumes, matrizarias, máquinas e equipamentos, agentes de mercado interno e externo e, sobretudo, com instituições que procuram desenvolver e difundir inovações tecnológicas. O Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI) e o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE) estão presentes no município, oferecendo diversos cursos e promovendo o avanço tecnológico do setor.

É notória a importância da indústria coureiro-calçadista para o município, tanto por empregar milhares de trabalhadores de maneira direta nas fábricas, como também por movimentar toda a estrutura de *cluster* supracitada. Desta maneira, devido à

importância que o município exerce em sua região, nomeada de “Região Administrativa de Franca”, a cidade é entendida como uma cidade média segundo o conceito de Sposito (2009), exercendo o papel de intermediação entre as pequenas e as grandes cidades, polarizando a sua região e crescendo em detrimento e em função de sua própria região.

O processo de desindustrialização em Franca está diretamente relacionado com o processo nacional citado anteriormente e é altamente nocivo para o desenvolvimento econômico da região. Pretende-se, neste momento, analisar como esse fenômeno afetou e vem afetando o município.

A abertura de mercado e a valorização da moeda nacional em comparação ao dólar norte-americano realizadas no Brasil entre 1994 e 1998 fizeram com que a economia brasileira passasse a receber mercadorias vindas do sudeste asiático (SILVESTRIN e TRICHES, 2008).

Silvestrin e Triches (2008), destacam que as indústrias produtoras de couro, e calçados de maneira geral, não estavam preparadas para essa forte abertura comercial e valorização do Real, enfrentando um período intenso de recessão, com fechamento de diversas grandes indústrias. Em trabalho de campo realizado no Sindicato da Indústria de Calçados de Franca (SINDIFRANCA), a Secretária Executiva Márcia Alves confirmou esse efeito danoso à indústria francana.

Segundo Márcia Alves, em entrevista, o Plano Real ao travar as negociações realizadas em dólar, prejudicou as empresas que não estavam preparadas para isso, uma vez que a paridade cambial desfavorecia a indústria local, pois encareciam os produtos nacionais, que em real valiam praticamente o mesmo que em dólar. Até este momento, a maior parte da produção de Franca era para exportação. Com a mudança cambial, as grandes indústrias do setor não tardaram para decretar falência, como Samello, Agabê, Calçados Terra, Francano e Sândalo. Foi, neste contexto, que segundo Silvestrin e Triches (2008), grandes indústrias foram fechadas e diversas unidades fabris foram deslocadas para os estados do nordeste brasileiro, em busca de vantagens competitivas.

A indústria calçadista, embora mecanizada, ainda precisa de grande quantidade de mão de obra para ser realizada de maneira acelerada. Desta forma, a procura por mão de obra abundante e barata promove o comportamento "nômade" da indústria calçadista, que se desloca para regiões e países que garantam essa vantagem competitiva (ZINGANO, 2012). Costa e Fligenspan (1997, p. 2 *apud*

ZINGANO, 2012) revelam que “atualmente cerca de dois terços da produção mundial de calçados são realizados no continente asiático, região que tem oferecido os mais baixos salários no setor”.

Embora o processo de deslocamento da indústria ocorra em escala mundial como citado no parágrafo anterior, também é possível observá-lo em escala nacional. Silvestrin e Triches (2008) pontuam que a partir de 1990, houve um deslocamento de empresas de Franca e do Vale dos Sinos para a região Nordeste, buscando incentivos fiscais e menores custos de mão de obra, somado à maior proximidade dos países importadores.

O processo de deslocamento da indústria francana para o nordeste também esteve presente na fala da Secretária Executiva Márcia Alves do Sindicato da Indústria de Calçados de Franca. Segundo a secretária, os principais destinos nordestinos das empresas são os estados do Ceará e da Bahia. Com o aumento realizado pelo Governo do estado de São Paulo na alíquota do Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS) e a retirada de alguns incentivos fiscais da indústria paulista, diversas fábricas também estão migrando para cidades de Minas Gerais que são vizinhas de Franca, como Ibiraci, Claraval e Cássia.

É necessário, neste momento, destacar como a China influenciou na desindustrialização em Franca, uma vez que o país asiático exporta para os principais países compradores do Brasil e para o próprio mercado interno brasileiro, limitando a atuação da indústria nacional. Silvestrin e Triches (2007, p. 20) afirmam que:

O Brasil exporta calçados para dezenas de países localizados nas mais distintas partes do planeta. Entretanto, a grande concentração das vendas, ou seja, cerca de 70% é dirigida aos Estados Unidos. A perda relativa de participação brasileira no mercado internacional desde o final da década de 90 deve-se, entre outros fatores, à dificuldade de expandir as vendas de calçados para aquele mercado. Isso significa que as exportações de calçados brasileiros não conseguem acompanhar o ritmo de crescimento dos produtos chineses nos EUA.

Para além da perda de espaço da indústria calçadista brasileira e, sobretudo a indústria de Franca no mercado internacional, o mercado interno brasileiro também compra do produto asiático, principalmente a partir da primeira metade dos anos 90, como visto em:

No que tange a importações brasileiras de calçados, os resultados revelam um aumento substancial das compras externas na primeira metade dos anos 90, as quais foram multiplicadas por aproximadamente oito vezes. A China aparece como o principal país fornecedor, cuja participação passou de cerca

de 34% para 79% do total dos calçados ingressados no País. Por fim, a inserção das importações de calçados chineses no mercado brasileiro e mundial está associada à estrutura produtiva daquele país. A indústria de calçados chinesa é caracterizada por grandes empresas e unidades fabris voltadas para a fabricação em grande escala, sobretudo de calçados esportivos destinados às grandes multinacionais e pela abundância de mão-de-obra de baixo custo. (SILVESTRIN E TRICHES, 2007, p. 20)

Zingano (2012) também corrobora com o pensamento de Silvestrin e Triches (2007), afirmando que a produção de calçados dos países asiáticos é direcionada principalmente ao mercado externo, sendo o principal destino os Estados Unidos. Com o crescimento da China no setor, boa parte do mercado norte-americano que antes pertencia à indústria brasileira foi tomado pela China, assim como expandiu também as suas vendas no mercado brasileiro. Como visto por Zingano (2012, p. 67):

[...] verifica-se que a retração das exportações brasileiras de calçados, destacadamente no mercado norte-americano, deveu-se aos seguintes fatores: crescimento da participação dos calçados asiáticos; valorização da moeda brasileira frente ao dólar; aumento dos custos de produção (matéria-prima, mão de obra, encargos sociais, taxas e impostos). Estes elementos ocasionaram o aumento dos preços das exportações de calçados brasileiros que em relação aos asiáticos, tornando-os caros, sem que se perceba diferenciação expressiva na qualidade do produto.

A perda de espaço brasileiro no mercado internacional de calçados foi muito percebida no município de Franca. Em trabalho de campo realizado na Sola Nova Industrial entrevistamos o proprietário José Odedes da Silva, este destacou que as grandes empresas que até 1990 eram exímias exportadoras, como Calçados Martiniano S.A, Samello, Calçados Sândalo, Sapatos Francano e Agabê (HB), sofreram um forte impacto, reduzindo drasticamente suas exportações e, em alguns casos, decretando falência. A Secretária Executiva do SINDIFRANCA destaca que nos dez anos após a mudança cambial e o crescimento da China no setor, por volta de 2005 e 2006, os grandes grupos supracitados foram desmantelados, surgindo na cidade pequenos e médios grupos que atuam na indústria calçadista até hoje, como Rafarillo, Ferracini, Freeway, Democrata, Calçados Mariner, entre outras.

A estratégia dos novos grupos é focar principalmente no mercado interno, devido à maior previsibilidade de despesas e receitas. É válido ressaltar que mesmo com a ascensão desses grupos, a indústria calçadista de Franca nunca mais foi a mesma. Segundo o SINDIFRANCA (2022, s. p.), 1993 foi considerado “o ápice das exportações, quando Franca exportou 15,6 milhões de pares, e faturou mais de US\$ 256 milhões. No total, foram produzidos naquele ano, 31,5 milhões de pares”. Para efeito de comparação, em 2019, toda a produção do município gerou 24 milhões de

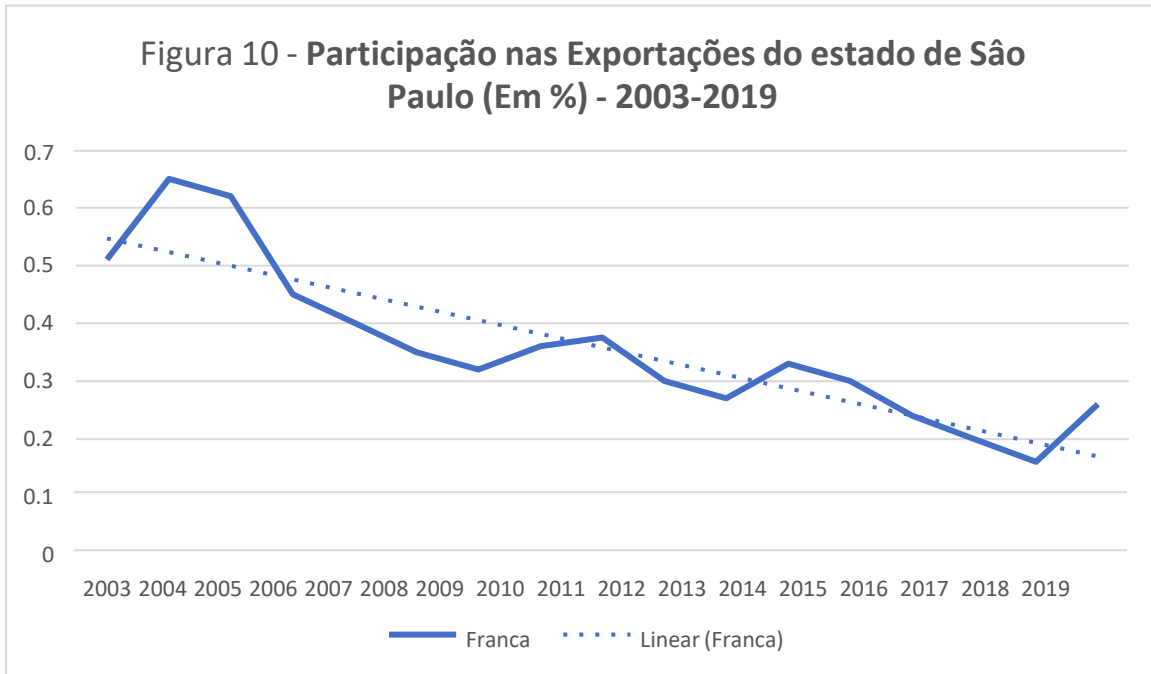
pares, 7,5 milhões a menos do que foi produzido em 1993 e faturou apenas U\$ 68,4 milhões em exportações, aproximadamente 3,7 vezes menos do que o faturado em 1993.

Assim como o Brasil vem passando por um aumento da participação do setor terciário no PIB em detrimento do setor secundário, o município de Franca também passa por esse processo. Segundo dados do SINDIFRANCA expostos na figura 9, o que se observa é uma redução do número de empregados na indústria ao passo que a participação em percentual da indústria do PIB do município também decai.

O empresário José Odedes da Silva pontuou em entrevista que a produção de sapato no município de Franca necessita de mão de obra, tanto no “chão de fábrica” como em atividades especializadas, uma vez que devido à instabilidade da indústria nos últimos anos, a população da cidade opta por empregos no setor terciário. O proprietário da Sola Nova Industrial ainda destacou um processo que vem ocorrendo na última década de perda de espaço da indústria calçadista para a indústria têxtil. A secretária executiva do SINDIFRANCA, Márcia Alves, também destacou esse processo e acrescentou que, além da perda para o setor terciário, a indústria calçadista também sofre com a valorização da agricultura do município, que ocorre por meio de incentivos de crédito do governo federal.

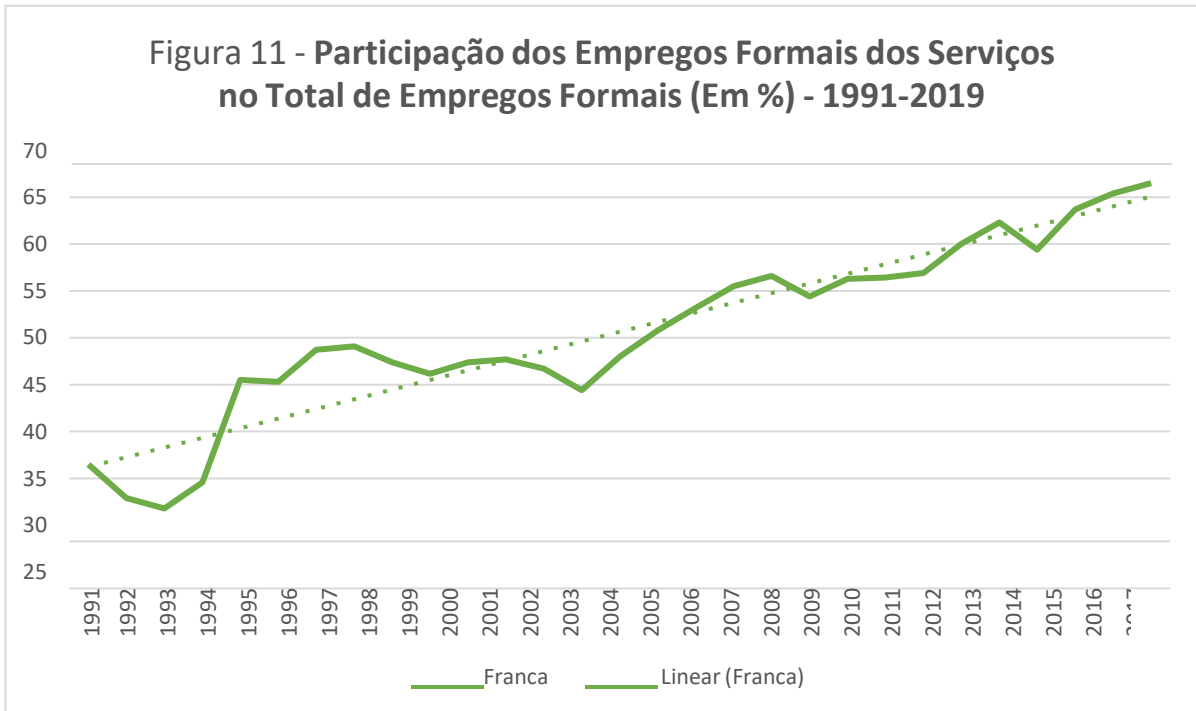
Esse fenômeno coincide com os estudos anteriormente citados de Oreiro e Feijó (2010, p. 222), os quais defendem que a desindustrialização pode vir acompanhada de uma “reprimarização” da pauta de exportações, ou seja, por um processo de “reversão da pauta exportadora na direção de *commodities*, produtos primários ou manufaturas com baixo valor adicionado e/ou baixo conteúdo tecnológico” (OREIRO e FEIJÓ, 2010, p. 222).

Uma vez que o setor primário possui menos valor agregado que o setor secundário, a desindustrialização trouxe uma notável redução na participação das exportações do município de Franca no estado de São Paulo, como evidenciado por dados da SEADE:

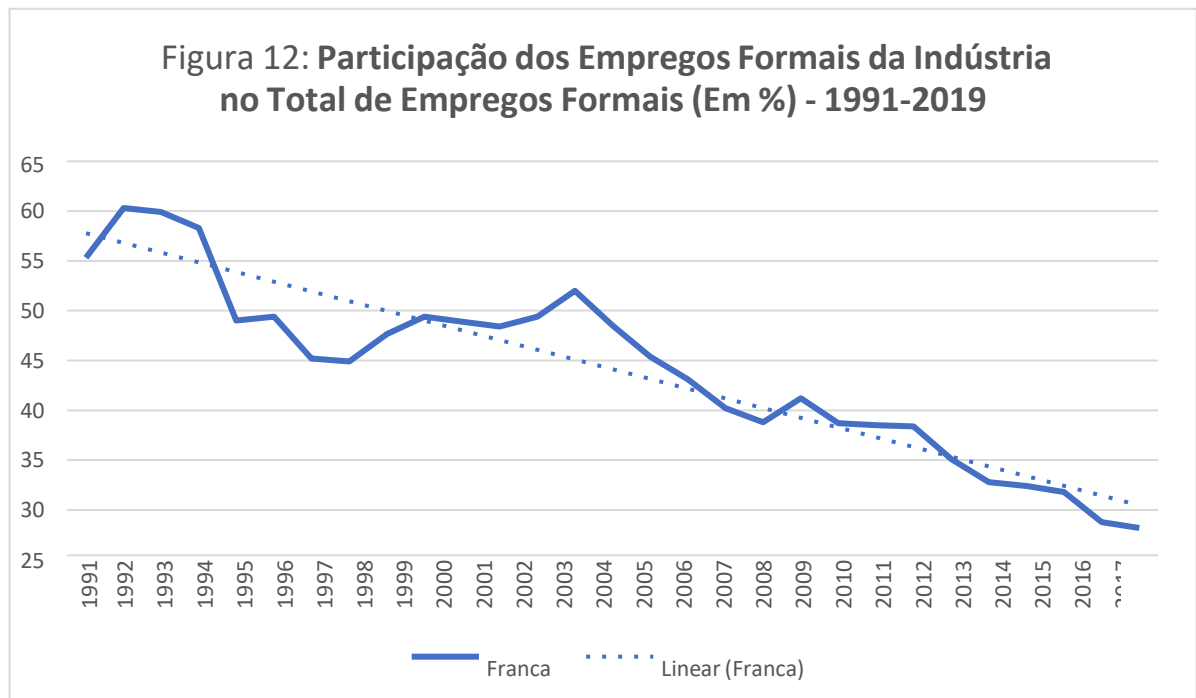


Elaborado pelo autor. Fonte: SEADE

A transferência da mão de obra do setor industrial para o setor terciário é outra evidência e consequência do atual processo em curso no município de Franca, é possível comparar a figura 11 com a figura 12. Observa-se que em 1992, mais de 60% dos empregos formais eram referentes ao setor industrial, caindo na maior parte dos anos seguintes e chegando a 28% em 2019. Em contrapartida, o número de empregados formais no setor de serviços chegou a ser cerca de 31% em 1993, apresentando constantes evoluções até chegar no patamar de 66,5% em 2019. Com o intuito de facilitar a visualização da tendência de ambos os setores, nos dois gráficos foram traçadas retas lineares de tendência, em pontilhado na mesma cor das linhas.



Elaborado pelo autor. Fonte: SEADE



Elaborado pelo autor. Fonte: SEADE

Desta forma, é possível entender o que vem ocorrendo com a indústria coureiro-calçadista de Franca como uma fração do processo maior de desindustrialização brasileira que foi elucidado nos tópicos anteriores. Apesar do setor industrial do município reagir de algumas formas, como por exemplo com a produção têxtil, por meio dos estudos realizados e das informações expostas tanto do SEADE como do SINDIFRANCA, o setor industrial da cidade passa, cada vez mais, por uma redução do seu espaço de atuação, não parecendo haver possibilidades para uma retomada em curto prazo. Conforme os gráficos anexados, o número de empregados no setor terciário está aumentando, o que também é uma tendência nacional. Como visto nos estudos de Cano (2012) e Oreiro e Feijó (2010), a indústria é entendida como o setor mais importante da economia, trazendo retornos crescentes de escala, auxiliando a promoção do progresso tecnológico e relaxamento da restrição externa ao crescimento de longo prazo e, portanto, o processo de desindustrialização de Franca se configura como uma ameaça ao pleno desenvolvimento econômico do município e de sua região.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O título “Capital Nacional do Calçado Masculino” foi conferido à Franca popularmente entre 1960 e 1970, período em que a indústria calçadista do município se consolidou no cenário nacional, principalmente produzindo e exportando calçados de couro. No entanto, foi apenas em 2010 que o Instituto Nacional de Propriedade Industrial (INPI) aprovou um pedido do SINDIFRANCA, reconhecendo oficialmente o município como “A Capital Nacional do Calçado Masculino de Couro”.

Quando o presente trabalho foi iniciado, acreditava-se que apesar do complexo coureiro-calçadista de Franca possuir fortes raízes e origem anterior ao século XX, era notório uma queda da participação do setor industrial no PIB do município e uma consequente ascensão do setor de serviços, evidenciando um processo de desindustrialização convergente com o que ocorre em nível nacional.

Diante disso, a pesquisa teve como objetivo estudar o complexo coureiro-calçadista do município de Franca, com ênfase para as duas últimas décadas, buscando entender a sua história, características e especificidades, no intuito de investigar o que levou a constante redução do setor industrial iniciada após em 1993 e em curso até os dias atuais.

Sendo a sede de uma das Regiões Administrativas do Estado de São Paulo, Franca foi considerada ao longo do trabalho como uma cidade média, entendido a partir de Sposito (2007) como cidades que desempenham importantes papéis regionais de intermediação entre grandes cidades e cidades pequenas, com forte relação com a área na qual está situada e pela concentração e centralização econômica.

Para isso, a metodologia empregada consistiu em levantamento bibliográfico da história do município, do processo de desindustrialização nacional, organização de dados em sites institucionais como SINDIFRANCA, ABICALÇADOS, SEADE e IBGE e trabalhos de campo realizados no SINDIFRANCA e na Sola Nova Industrial Ltda., a maior indústria de solados do município.

À luz da pesquisa realizada, é possível afirmar que a redução da indústria coureiro-calçadista de Franca está relacionada com a desindustrialização nacional, visto que tanto pela bibliografia levantada como pelas entrevistas realizadas em trabalho de campo, a correlação entre o que ocorre em nível nacional e em nível municipal é perceptível. Em primeiro plano, as causas podem ser elencadas em: 1) A

política cambial prevalecente a partir do Plano Real, instaurada por Itamar Franco e Fernando Henrique Cardoso em 1994; 2) A abertura comercial com a queda de tarifas e demais mecanismos protecionistas da indústria nacional; 3) A consequente entrada de produtos asiáticos no mercado nacional e internacional; e 4) A guerra fiscal existente entre diferentes localidades, na qual muitas vezes instalações industriais mudam de estado ou até de país por benefícios fiscais.

Em segundo plano, é possível elencar as consequências em: 1) perda de competitividade das exportações industriais brasileiras; 2) aumento das importações brasileiras, tanto em bens finais de consumo como de insumos, principalmente em produtos de alto valor agregado como eletrônicos; e 3) investimentos públicos e privados no setor reduzidos, com caráter mais específico e oportunista.

Ao longo da realização do presente estudo, foram coletados dados até o ano de 2019, visto que ainda não havia dados mais recentes nas principais fontes utilizadas, fator provocado pela pandemia de COVID-19, a qual impôs períodos de quarentena e *lockdown*, desacelerando o processo de coleta completa de dados por parte das instituições, além de ter dificultado o trabalho de campo.

Contudo, por meio das entrevistas nos trabalhos de campo realizados, juntamente com um levantamento de dados parciais divulgados pelas instituições, é possível realizar alguns apontamentos sobre como a pandemia de COVID-19 afetou o processo já existente de desindustrialização no município.

A reprimarização da pauta de exportação foi intensificada no período pandêmico, visto que, segundo o Departamento de Negócios Internacionais da Associação do Comércio e Indústria de Franca (ACIF), pela primeira vez desde que o Ministério da Economia iniciou a série histórica, em 1997, o café se tornou o principal produto exportado pela cidade de Franca, superando em grande número os calçados.

Por um lado, segundo o SINDIFRANCA, o setor calçadista no final de abril de 2020 já havia demitido cerca de 3,4 mil funcionários, devido ao congelamento da produção e ao fechamento do comércio por conta do COVID-19, com prejuízo estimado de R\$ 174 milhões e, por outro lado, o café bateu recorde histórico de 63 milhões de sacas exportadas, principalmente para Alemanha e Itália, segundo a CONAB (Companhia Nacional de Abastecimento).

Por meio de entrevista realizada com empresário do setor, José Odedes da Silva e por entrevista realizada no SINDIFRANCA, percebe-se que outras mudanças foram impostas para a indústria, como a falência de diversas fábricas, principalmente

as que não estavam bem estabilizadas e alicerçadas financeiramente e o surgimento do e-commerce calçadista.

Devido a quarentena e ao *lockdown*, o comércio se manteve fechado por um certo período e, com isso, as fábricas que, historicamente eram conservadoras quanto à venda, não tiveram outra possibilidade se não diversificar os canais de vendas, seja criando grandes sites com alto custo ou mídias sociais. A Secretária Marcia Alves do SINDIFRANCA pontuou em entrevista: “É difícil hoje em dia encontrar algum calçadista que não esteja no e-commerce, a pandemia mudou a forma de se vender calçados de Franca”.

Em entrevista com Gabriel Chaves, proprietário e gestor de tráfico de três *websites* de e-commerce, foi ressaltado que, com a pandemia, muitos clientes que nunca haviam comprado calçados online passaram pela primeira experiência e, devido à comodidade, grande parte está criando um hábito que, ao que tudo indica, vai permanecer por um bom tempo. Gabriel Chaves acredita ainda que a revolução do e-commerce funcionará como uma seleção entre as empresas que vão permanecer prosperando, devido a uma boa adaptação aos meios digitais, e as empresas que vão desaparecer com o tempo, por conta de uma não adaptação ao sistema de e-commerce.

Por fim, é válido ressaltar que maior aprofundamento acadêmico desta temática é necessário, possibilitando mensurar mais precisamente os impactos da desindustrialização para o desenvolvimento econômico e social da região. Também é relevante estudos que forneçam alternativas e meios para que a região alcance um desenvolvimento industrial e econômico no longo prazo, de maneira que seja proveitoso tanto para a economia como para a população local. De todo modo, nenhum município é uma ilha, o que ocorre em nível nacional reflete diretamente na vida local e a desindustrialização é um fenômeno nacional. Inclusive, o *status* de cidade média do município, construído de maneira associada à atividade industrial, talvez seja abalado.

## 5. REFERÊNCIAS

BELLUZZO, Luiz Gonzaga; ALMEIDA, Júlio Gomes de. Como recuperar o vigor industrial. *In*: Luiz Gonzaga Belluzzo; Pedro Paulo Zahluth Bastos (orgs.).

**Austeridade para quem? Balanço e perspectivas do governo Dilma Rousseff.** São Paulo: Carta Maior, 2015.

BERTELLI, C. ; CLEMENTINO NETO, A. ; MARTINS, F. . A HISTÓRIA DE FRANCA (SP): SEUS PRIMEIROS HABITANTES E IMPORTÂNCIA PARA O DESENVOLVIMENTO REGIONAL. *In*: Bárbara Fadel e Silvio Carvalho Neto. (Org.). **Perspectivas do Desenvolvimento.** 1ed. Franca-SP: Uni-FACEF, 2016, v. 1, p. 43-54.

CANO, Wilson. A desindustrialização no Brasil. **Economia e Sociedade**, v. 21, n. spe, p. 831-851, 2012.

CARNEIRO, Ricardo. Navegando a contravento. **Uma reflexão sobre o experimento desenvolvimentista do governo Dilma Rousseff.** Texto para Discussão. Campinas, IE-UNICAMP, 2017.

CORRÊA, Abidack Raposo. **O complexo coureiro-calçadista brasileiro.** 2001.

DA CUNHA, Maísa Faleiros et al. Mineiros em terras paulistas: população e economia. *In*: **Anais do XIV Seminário sobre a Economia Mineira [Proceedings of the 14th Seminar on the Economy of Minas Gerais]**. Cedeplar, Universidade Federal de Minas Gerais, 2010.

DIEGUES, Antônio Carlos; ROSSI, Caroline Gut. Além da desindustrialização: transformações no padrão de organização e acumulação da indústria em um cenário de 'Doença Brasileira'. **Texto para Discussão. Unicamp. IE, Campinas**, n. 291, 2018.

GCN. **Café supera calçados nas exportações de franca pela 1ª vez na história. Notícias.** Disponível em: <<https://gcn.net.br/noticias/416191/franca/2021/01/cafe-supera-calçados-nas-exportações-de-franca-pela-1-vez-na-historia>>. Acesso em: 9 de janeiro de 2021.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Busca por IBGE cidades.** Acesso em 9 de janeiro de 2021.

IGCSP – INSTITUTO GEOGRÁFICO E CARTOGRÁFICO. **Mapas individuais das RAS e Metropolitanas**. Disponível em: <[http://www.igc.sp.gov.br/produtos/mapas\\_rad41d.html](http://www.igc.sp.gov.br/produtos/mapas_rad41d.html)>. Acesso em: 20 de jan de 2021.

LOPES, Diva Maria Ferlin; HENRIQUE, Wendel (Ed.). **Cidades médias e pequenas: teorias, conceitos e estudos de caso**. Publicações SEI, 2010.

MACHADO NETO, Alfredo José; ALMEIDA, Fernando Carvalho de. A internacionalização da indústria calçadista francana. **RAM. Revista de Administração Mackenzie**, v. 9, p. 88-111, 2008.

MORCEIRO, Paulo César. **Influência metodológica na desindustrialização brasileira e correções na composição setorial do PIB**. Texto de Discussão, Nereus-USP, São Paulo, 2019. Disponível em: <[http://www.usp.br/nereus/wp-content/uploads/TD\\_Nereus\\_02\\_2019.pdf](http://www.usp.br/nereus/wp-content/uploads/TD_Nereus_02_2019.pdf)>. Acesso em: 18 de jan de 2021.

**Município de Franca**, 2021. Conheça – Município de Franca. Disponível em: <[www.franca.sp.gov.br/turismo/administracao-municipal/administracao\\_direta/desenvolvimento-adm/conheca](http://www.franca.sp.gov.br/turismo/administracao-municipal/administracao_direta/desenvolvimento-adm/conheca)>. Acesso em: 9 de jan de 2021.

OREIRO, José Luis; FEIJÓ, Carmem A. Desindustrialização: conceituação, causas, efeitos e o caso brasileiro. **Brazilian Journal of Political Economy**, v. 30, n. 2, p. 219-232, 2010.

Propagandas Históricas. Calçados Samello – Anos 60 – Propagandas Históricas. Disponível em: <<https://www.propagandashistoricas.com.br/2020/04/calcados-samello-anos-60.html>>. Acesso em: 7 de jan de 2021.

**SEADE**, 2021. ESTADO DE SÃO PAULO E SUAS REGIONALIZAÇÕES. Disponível em: <<http://produtos.seade.gov.br/produtos/divpolitica/>>. Acesso em: 9 de jan de 2021.

**SEADE**, 2021. PERFIL DOS MUNICÍPIOS PAULISTAS. Disponível em: <<https://perfil.seade.gov.br/>>. Acesso em: 10 de jan de 2021.

SILVESTRIN, Luisiane Evelise; TRICHES, Divanildo. A análise do setor calçadista brasileiro e os reflexos das importações chinesas no período de 1994 a 2004. **Econômica**, v. 10, n. 1, p. 145-170, 2008.

**Sindifranca**, 2021. Estatísticas | Sindifranca. Disponível em: <[www.sindifranca.org.br/estatisticas.html](http://www.sindifranca.org.br/estatisticas.html)> Acesso em: 10 de jan de 2021.

SP: Diário de Justiça relembra famoso processo de Franca ocorrido há 180 anos. **Migalhas**, 31 de julho de 2019. Acesso em: 7 de novembro de 2021. Disponível em: <<https://www.migalhas.com.br/quentes/307767/sp--diario-de-justica-relembra-famoso-processo-de-franca-ocorrido-ha-180-anos>>.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. As cidades médias e os contextos econômicos contemporâneos. In: SPOSITO, Maria SPOSITO, Maria Encarnação B. **Cidades médias: espaços em transição**. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. **Para pensar as pequenas e médias cidades brasileiras**. Belém: FASE/ICSA/UFPA, 2009. v. 1.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. Urbanização e cidades: perspectivas geográficas. **Presidente Prudente. Faculdade de Ciência e Tecnologia, UNESP**, 2001.

TOSI, Pedro Geraldo. **Capitais no interior: Franca e a história da indústria coureiro-calçadista, 1860-1945**. UNESP, Campus de Franca, 2002.

WESTIN, Ricardo. Há 170 anos, Lei de Terras oficializou opção do Brasil pelos latifúndios. **Senado**, 14 de setembro de 2020. Acesso em: 8 de novembro de 2021. Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/noticias/especiais/arquivo-s/ha-170-anos-lei-de-terras-desprezou-camponeses-e-oficializou-apoio-do-brasil-aos-latifundios>>

## APÊNDICE A – ENTREVISTAS TRANSCRITAS

### Entrevista 1

**Data:** 15 de outubro de 2021

**Local:** Sindicato da Indústria de Calçados de Franca (SINDIFRANCA)

**Pessoa entrevistada:** Márcia Alves

**Função Exercida:** Secretária Executiva da Presidência

### Questionário:

1: Como foi o auge da indústria calçadista em Franca? É possível afirmar que a indústria calçadista nos últimos anos vem perdendo espaço?

*R: “As exportações pros EUA tiveram seu auge no início da década de 80. Os grandes exportadores eram Samello e HB. Foram as que abriram o mercado de exportação para Franca. O mocassim foi aprendido no exterior e melhorado aqui em Franca, foi um grande sucesso para a cidade, variando cores e estilos. Algo que não havia em nenhum outro lugar do mundo. “Aqui era a fonte eterna da criatividade”. Neste momento essas empresas deslancharam. O emprego era pleno na cidade.*

*O diferencial de Franca é o sapato masculino de couro, Franca está na cabeça dos lojistas, é uma marca que se vende sozinha.*

*Até 1985 houve uma industrialização do país, desenvolvendo infraestruturas no país. De 90 em diante, as políticas industriais não foram mais incentivadas. “Havia um arroz com feijão, mas não um investimento a longo prazo.”. Franca perdeu espaço para outros países que possuíam uma política diferente.*

*A economia da indústria têxtil, lingerie cresceu nos últimos anos. A agricultura na cidade também cresceu, a partir de incentivos do governo federal. A indústria tem mais dificuldade para conseguir subsídios. A agricultura é mais fácil para conseguir empréstimos, enquanto o banco enxerga a indústria como sendo mais arriscada.”*

2: O Plano Real influenciou a redução da indústria calçadista de Franca? Se sim, como?

R: *“O Plano Real travou as negociações em dólar, prejudicando de certa forma quem não estava preparado para isso. Na época Franca era exímia exportadora. Com o pareamento com dólar, Franca precisou voltar seu produto para a indústria nacional. Isso na década de 90. Nessa mudança de estratégia, quem não conseguiu mudar faliu. Como Samello, HB, Calçados Terra, Francano, Sandalo, etc. Nos próximos dez anos, até 2005, 2006, os grandes acabaram ruindo. Nesse meio tempo, muitas pessoas ficaram desempregadas, montando fábricas caseiras. Assim, o desmembramento dos grandes grupos formou os pequenos e médios que hoje tocam a indústria calçadista. “Fecha uma porta abre uma janela”.*

*Foi nesse momento de mudança de estratégia que surgiram empresas como Rafarillo, Ferracini, Freeway, Mariner. (eles exportam no máximo 30%, o foco é pro mercado nacional, em vista da oscilação cambial). Elas são menores do que a HB e Samello foram um dia.*

*Ocorreu uma pulverização da indústria, assim, existem mais indústrias voltadas ao mercado nacional do que antes. Em termos de porte e funcionário as maiores hoje em dia são Rafarillo, Ferracini e Freeway.”*

3: A Guerra Fiscal influencia a redução da indústria de Franca? Se sim, como?

R: *“A longo prazo vale muito a pena mudar de estado. Hoje há indústrias francanas indo para outros lugares, Ibiciraci, Claraval, São Tomás de Aquino, Cássia, Capetinga, Bahia, Ceará, o governo estadual aumentou a alíquota do ICMS e tirou alguns incentivos fiscais da indústria. Por isso, fábricas estão indo para cidades há 10 km de Franca. A ideia é só ultrapassar a fronteira para conseguir incentivos fiscais. São as médias e grandes que fazem essa mudança de localidade.”*

4: Como está o setor calçadista de Franca hoje?

R: *“O que a gente vê hoje em dia como tendência é que vai haver uma estabilização, ou seja, aquelas indústrias que foram bem planejadas, que se antenaram às mudanças e conseguiram passar por esses percalços vão se manter. O resto será extinto por conta das adversidades, existe uma “pejorização do termo calçadista”, socialmente falando, a indústria foi perseguida. Isso foi uma troca de paradigmas, no passado as pessoas tinham orgulho de ter e trabalhar em indústrias, a partir de 2000, foi criado um mito de que é pejorativo trabalhar no setor.”*

5: Você acredita que a pandemia de COVID-19 afetou a indústria calçadista de Franca? Se sim, como?

*R: “Para a indústria de Franca, a pandemia até 2021 não tinha sido tão agressiva. Os dias parados em 2020 prejudicaram a indústria no sentido que o lojista foi proibido de trabalhar. A indústria não foi proibida, mas o comércio foi desacelerado. O chamado “consumo por impulso” foi desacelerado. De um ano para cá, acredita-se que Franca aumentou em 35% as vendas online. O marketplace veio muito forte nesse fechamento das lojas.*

*O calçadista brasileiro de modo geral é muito tradicional e possui medo de vender pela internet. Com o fechamento do varejo presencial os calçadistas foram obrigados a migrarem para a internet. Com isso, viram a necessidade de ficar neste ambiente para não perder receita.*

*Hoje em dia, as marcas francanas não possuem tanto valor agregado como antigamente. As indústrias se preocupam em produzir e sobreviver, mas não se preocupam com criar um valor agregado em sua própria marca. O PIB da indústria francana há 20 anos estava na mão de 10 grandes indústrias, que possuíam mais de 1.000 funcionários diretos no chão de fábrica, hoje está na mão de micro e pequenos empresários.*

*Com o e-commerce, é uma maneira de iniciar a criação de um valor agregado pelas marcas novamente. A pandemia mudou a cara de Franca, hoje em dia praticamente todos os calçadistas possuem uma maneira de e-commerce, isso veio pra ficar, nem se for por Instagram ou WhatsApp. A diversificação dos canais foi propiciada pela pandemia. Com o pix isso também foi facilitado.*

*2021 já veio com a reabertura um pouco tímida do comércio, com a vacinação. O prefeito fez o lockdown justo na época de alta expectativa (dia dos namorados).*

*No segundo semestre, está havendo pedido, mas não tem mão de obra. O trabalhador que ficou desempregado buscou outros empregos e agora não quer voltar para o chão de fábrica.*

*Já havia escassez de matéria prima devido aos portos brasileiros, principalmente de componentes derivados do petróleo. Faltou matéria prima para a retomada em julho, agora chegou a época de contratações em setembro e não há mão de obra, pois essa mão de obra foi para outros setores.*

*Está sendo possível comercializar o produto, mas não está sendo possível produzir a tempo. É a grande preocupação da indústria local nesse momento.*

*A indústria movimentou toda a economia local, o transporte, o combustível, a venda de motocicletas. Franca já foi uma das cidades que tinha mais motocicletas por habitantes no Brasil. A venda de automóveis e motocicletas de Franca na pandemia não foi afetada como em outros lugares, porque o trabalho industrial continuou.*

*Franca é exceção salarial. Foi feito um levantamento de todos os polos calçadistas no Brasil e nos 10 últimos anos houve um aumento salarial de 40% de ganho real para o trabalhador francano na indústria.”*

## **Entrevista 2**

**Data:** 15 de outubro de 2021

**Local:** Sola Nova Industrial Ltda.

**Pessoa entrevistada:** José Odedes da Silva

**Função Exercida:** Proprietário

### **Questionário:**

1: Como foi o auge da indústria calçadista em Franca? É possível afirmar que a indústria calçadista nos últimos anos vem perdendo espaço?

*R: “Antigamente o segmento em Franca era totalmente focado em sapato, hoje existe a parte comercial como hipermercados e a parte têxtil como lingerie e bolsas, que tomaram grande parte da indústria calçadista. A indústria têxtil começou a despontar nos últimos 10 anos. Segue essa linha provavelmente familiar. A indústria têxtil se aproveitou da infraestrutura dos calçados. Hoje a indústria calçadista tem falta de mão de obra pela evasão para outros setores. A produção de sapato não tem como aumentar pela falta de trabalhadores. Falta principalmente mão de obra especializada, mas também no chão de fábrica.*

2: O Plano Real influenciou a redução da indústria calçadista de Franca? Se sim, como?

*R: “O dólar em alta não é bom para ninguém, porque os insumos também aumentam. Um equilíbrio hoje bom seria o dólar para 4 reais. Tem que haver um ponto de equilíbrio que não é pareado 1 pra 1. O pareamento de 1 pra 1 não é bom, foi uma quebradeira. A quebra das grandes indústrias da década de 90 ocorreu por conta desse dólar. Hoje não se desenvolve mais nada, não se cria mais nada. Os projetos já vêm prontos. Antes Franca desenvolvia a proposta do calçado, com estilista e estudos. Hoje já vem pronto. Hoje o design parte “de lá pra cá” (dos EUA) não “de cá pra lá”. Antes com as gigantes se exportava 60% Hoje o sapato fabricado 70% é mercado interno e só 30% externo. A produção antigamente era maior em volume, o dobro. A política cambial brasileira abriu a oportunidade para outros como a China tomar boa parte do mercado.”*

3: A Guerra Fiscal influencia a redução da indústria de Franca? Se sim, como?

*R: “Franca perdeu muito com a guerra fiscal. O Estado de São Paulo como um todo perdeu para outros estados. A indústria como um todo, não só a indústria calçadista. A falta de incentivo fiscal quebrou as pernas. O sapato não é muito bem-visto. “*

4: Como está o setor calçadista de Franca hoje?

*R: “A expectativa é que a indústria francana de calçados venha a crescer um pouco mais, que haverá uma recuperação, mas não como já foi um dia.”*

5: Você acredita que a pandemia de COVID-19 afetou a indústria calçadista de Franca? Se sim, como?

*R: “Empresas estabilizadas e bem alicerçadas financeiramente não tiveram muitos problemas na pandemia. A saúde financeira foi crucial para definir se a empresa iria passar pelas adversidades ou não. O mercado melhorou, as vendas melhoraram. Os auxílios fizeram com que a economia melhorasse, criou-se um giro de dinheiro. Agora tá se sentindo a queda no mercado, a população está endividada, mas com as férias, décimo terceiro, natal, ano novo vão dar uma ajudada no curto prazo. Com as demissões, fundo de garantia, seguro-desemprego rodou dinheiro na pandemia. O pior momento acredito que será a partir de fevereiro de 2022.”*

### Entrevista 3

**Data:** 17 de novembro de 2021

**Local:** Remoto

**Pessoa entrevistada:** Gabriel Chaves

**Função Exercida:** Gestor de Tráfego

#### Questionário:

1: Como você acredita que a pandemia influenciou a indústria de calçados de Franca?

*R: “Hoje o fabricante está reduzindo os investimentos em lojas presenciais. Diversas fábricas estão 100% focadas na internet, a própria fábrica tem conta no Mercado Livre, Magazine Luiza, Netshoes, entre outros. Para o empresário, vendas online são muito interessantes, visto que o pagamento é a vista, quebrando um pouco com o tradicional cheque pré-datado em 30, 60 ou 90 dias e com outras formas mais conservadoras de venda.”*

2: Como o e-commerce calçadista em Franca está atualmente?

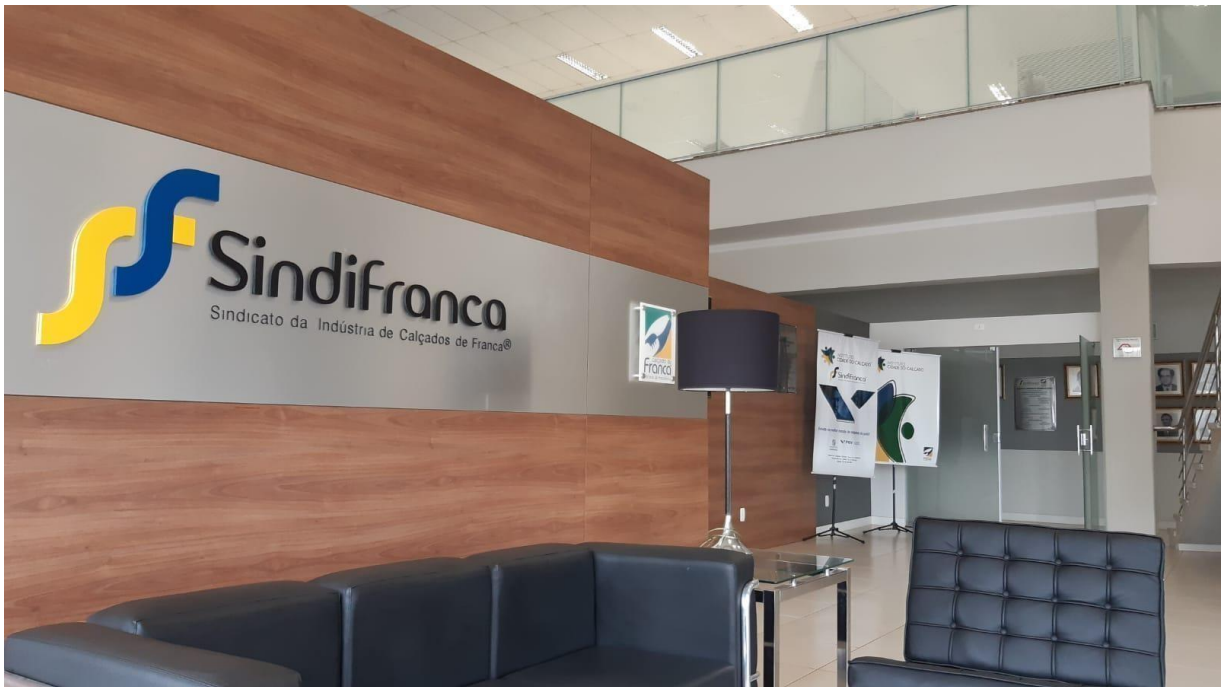
*R: “Apesar de parecer que está consolidado, ainda estamos no começo, ainda tem muito por vir. Cada vez mais está evoluindo, hoje existem muitos concorrentes, existem fábricas em Franca focadas em fazer estoque apenas para atender seu próprio e-commerce e suas vendas. Acredito que na próxima década haverá um nível de maturação maior, restando apenas os que possuem um atendimento de maior qualidade e funcionalidade.”*

3: Quais são as expectativas para as vendas online de calçados de Franca pós-pandemia?

*R: “A tendência é o mercado digital eliminar os piores e ineficientes gestores, limpando o mercado. Empresas como Democrata, MacBoot, Rafarillo e Jotape são grandes players que realizam um excelente trabalho e provavelmente estarão presentes no e-commerce calçadista de Franca por um bom tempo.”*

## APÊNDICE B – FOTOGRAFIAS REGISTRADAS EM TRABALHO DE CAMPO

Fotografia 1: Logo e recepção do SINDIFRANCA



Fonte: Próprio autor.

Fotografia 2: Interior da fábrica Sola Nova Industrial Ltda.



Fonte: Próprio autor.

Fotografia 3: Interior da fábrica Sola Nova Industrial Ltda. com destaque ao maquinário



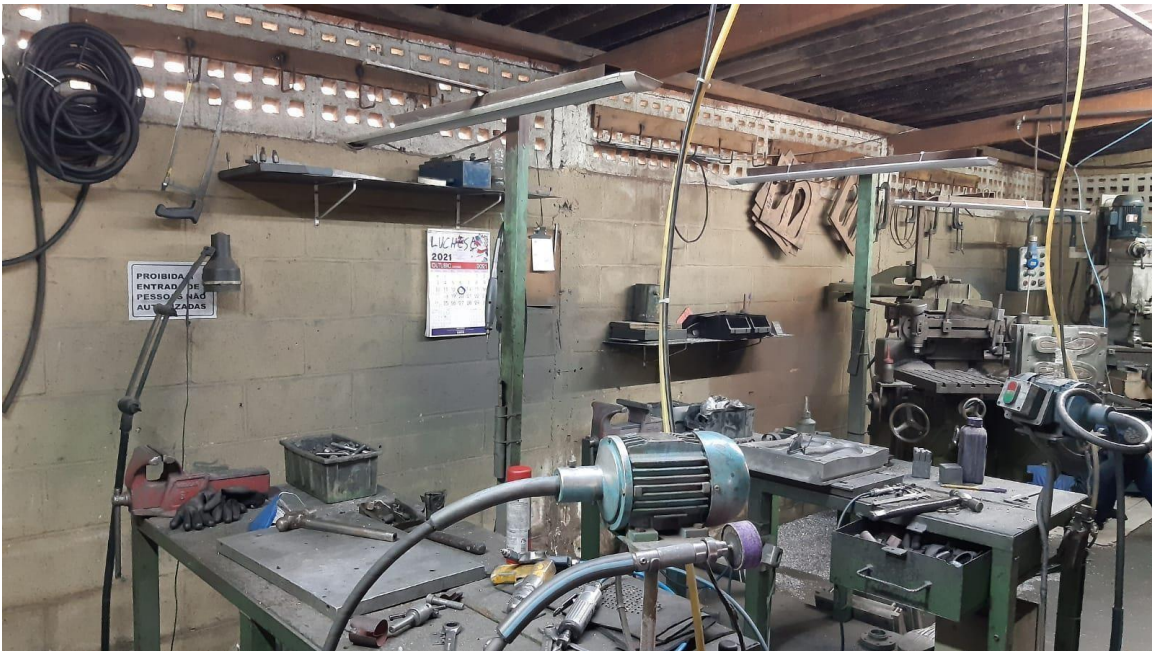
Fonte: Próprio autor.

Fotografia 4: Matrizaria própria da Sola Nova Industrial Ltda.



Fonte: Próprio autor.

Fotografia 5: Matrizaria própria da Sola Nova Industrial Ltda.



Fonte: Próprio autor.

Fotografia 6: Maquinário de produção de solados da Sola Nova Industrial Ltda. que comporta diversos trabalhadores simultaneamente.



Fonte: Próprio autor.

Fotografia 7: Estoque de termoplástico adquirido pela Sola Nova Industrial Ltda. principal insumo da fábrica.



Fonte: Próprio autor.

Fotografia 8: Estoque de termoplástico adquirido pela Sola Nova Industrial Ltda. principal insumo da fábrica.



Fonte: Próprio autor.